

ETEC- CENTRO PAULA SOUZA

PARQUE DA JUVENTUDE

Técnico em Museologia

LETÍCIA SANTANA F. DA SILVA

NATHÁLIA FRANCINE DA SILVA GRANADO

NATHALIA MALANCONI AGUILAR MONACO ATIHÉ

CORAÇÃO DE PAPEL

Memórias das Lestes

São Paulo

2026

LETÍCIA SANTANA F. DA SILVA
NATHÁLIA FRANCINE DA SILVA GRANADO
NATHALIA MALANCONI AGUILAR MONACO ATIHÉ

CORAÇÃO DE PAPEL

Memórias das Lestes

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso Técnico em Museologia da ETEC Parque da Juventude, orientado pela Profa. Cecília Machado, como requisito parcial para obtenção do título do técnico em museologia.

São Paulo

2026

RESUMO

O presente trabalho apresenta o projeto de exposição itinerante Coração de Papel - Memórias das Lestes, desenvolvido no âmbito do Curso Técnico em Museologia da ETEC Parque da Juventude. A proposta tem como objetivo preservar e valorizar memórias afetivas registradas em suportes de papel, como cartas, bilhetes, fotografias, documentos e anotações, por meio de uma exposição construída a partir da participação dos moradores da Zona Leste e do Extremo Leste da cidade de São Paulo.

Fundamentado em conceitos de memória social, patrimônio cultural e museologia participativa, o projeto adota a curadoria colaborativa como metodologia central, promovendo o envolvimento da comunidade na seleção do acervo, na construção das narrativas expositivas e nas ações educativas. A mostra será realizada de forma itinerante em Casas de Cultura da região, buscando ampliar o acesso à cultura, fortalecer o sentimento de pertencimento e dar visibilidade às histórias e experiências dos territórios periféricos. Além da exposição, o projeto contempla atividades educativas, oficinas, materiais pedagógicos e estratégias de acessibilidade, contribuindo para a democratização dos processos museológicos e para a valorização das memórias coletivas. Dessa forma, a iniciativa propõe a construção de um espaço de escuta, representação e reconhecimento das múltiplas narrativas presentes nas comunidades participantes.

Palavras-chave: memória social; curadoria colaborativa; museologia social; patrimônio cultural; exposição itinerante; Zona Leste de São Paulo.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
1.1 Mostra Itinerante	9
2 OBJETIVO	10
2.1 Objetivo geral	10
2.2 Objetivos específicos	11
3 JUSTIFICATIVA DO PROJETO	12
3.1 Resumo da realidade observada	13
3.2 Dados e evidências	13
3.3 Contexto geral onde o projeto está inserido	15
3.4 Problema identificado	16
4 DESENVOLVIMENTO	17
5. METODOLOGIA	18
5.1 Curadoria colaborativa	18
5.2 Oficina de Fotografia com Celular: “Olhar e Pertencimento”	20
5.3 Registro e Sistematização	21
5.4 “Roda de conversa” - entrevista	22
5.4.1 A seleção dos grupos	22
5.4.2 O grupo	23
5.4.3 Moderador	24
5.5 Roteiro de pesquisa	24
5.5.1 1º Encontro – Conhecimento do território e dos participantes	24
5.5.2 2º Encontro – Mapeamento de recursos locais	24
5.5.3 Formulário	25
5.5.4 3º Encontro – Curadoria colaborativa	25
5.6 Resultados	26

6 PROJETO DE COMUNICAÇÃO.....	27
6.1 Identidade visual.....	28
6.1.1 Paleta de cores.....	28
6.1.2 Tipografia.....	29
6.1.3 Logotipo.....	30
6.2 Canais de comunicação.....	32
6.2.1 Post na rede social da “casa de cultura”.....	32
6.2.2 Post nos grupos de Facebook e Instagram do bairro.....	33
6.2.3 Divulgação entre coletivos, escolas e associações de bairro.....	34
6.3 Produtos Gráficos.....	34
6.3.1 Vídeo narrativo.....	35
6.3.2 Marca página.....	35
6.3.3 Banner Institucional: Convite ao Encontro.....	36
6.3.4 Caderno Educativo.....	37
6.3.5 Folder Educativo "Meu Bairro, Seu Bairro".....	40
6.4 Acessibilidade.....	41
6.4.1 Captação de acervo por whatsapp.....	42
6.4.2 Oficina de educativo com intérprete de libras.....	42
6.4.1 Escada para pessoas de baixa estatura.....	42
7 EXPOGRAFIA.....	43
7.1 Conceito Curatorial.....	43
7.2 Projeto expográfico.....	49
7.3 Acessibilidade expográfica.....	52
8 PROJETO EDUCATIVO.....	53
8.1 Projeto Educacional.....	53
8.2 Público-alvo.....	54
8.3 Ações Educativas.....	55

8.3.1 Fundamentação e Conceitos.....	55
8.3.2 Atividades Educativas.....	56
8.4 Estratégias de Mediação.....	58
8.5 Atividades Educativas	59
8.5.1 Visitas Mediadas.....	59
8.5.2 Caminhada Fotográfica: Um Bairro, Muitas Memórias.....	59
8.5.3 Oficina de Cartão Postal.....	61
8.6 Acessibilidade Educativa.....	61
8.7 Avaliação das Ações Educativas	63
9.Material Educativo	63
9.1 Caderno Educativo: “Memórias que se Criam”	63
9.2 Divulgação de caderno educativo	65
10 AVALIAÇÃO DE PÚBLICO	66
10.1 Levantamento de dados.....	66
10.2 Público alvo da pesquisa.....	66
10.3 Duração.....	66
10.4 Método – Escala Likert.....	67
10.5 Processo para uma pesquisa de avaliação acessível.....	67
10.6 Formulário (Opção de responder oralmente)	68
10.7 Parte Acessível da Pesquisa	69
10.8 Análise dos resultados	70
10.8.1 Organização das respostas.....	70
10.8.2 Calcular a média	70
10.8.3 Apresentar tudo em uma tabela com os dados coletados	71
11 REFERÊNCIAS	72
ANEXOS.....	75
ANEXO A - Questionário do 4.5.2 Perguntas abertas:	75

ANEXO B - Questionário do 4.5.4.....	75
ANEXO C - Formulário	76
ANEXO D - Orçamento.....	78
ANEXO E - Cronograma	79
ANEXO F - Pesquisa de avaliação de público	80

1 APRESENTAÇÃO

O projeto nasce do desejo de reconectar gerações por meio das formas de comunicação escritas e visuais, valorizando o papel que foi não apenas uma das criações mais revolucionárias da humanidade, mas também o elo de emoções, lembranças, identidade cultural e história.

A concepção do projeto teve início com o estudo de referenciais teóricos que abordam memória, patrimônio imaterial e práticas museológicas colaborativas, conceito usado por Marília Xavier Cury em seus trabalhos com curadoria indígena. Já autores como Ecléa Bosi¹, Mário Chagas², José Reginaldo Gonçalves³ e outros contribuíram para o entendimento da memória como um ato social e afetivo, e da exposição como um meio de mediação cultural capaz de aproximar as pessoas de suas próprias histórias, além da influência do projeto “expedição São Paulo 450 anos” do museu da cidade.

Assim, a exposição “Coração de Papel” foi delineada como uma mostra itinerante que propõe um mergulho nas memórias afetivas registradas em papel ao longo da vida das pessoas através de cartas, bilhetes, fotografias, anotações e documentos, frequentemente relegados ao esquecimento que constituem hoje fragmentos do patrimônio material e afetivo das pessoas, de suas comunidades e de suas vidas.

O diferencial da exposição está em sua proposta de curadoria colaborativa, que transforma lembranças individuais em um mosaico de memórias coletivas. Os objetos que cada indivíduo escolhe guardar ao longo da vida carregam fragmentos

¹ **Ecléa Bosi (1936–2017)** foi psicóloga social, professora da USP e autora de obras fundamentais sobre memória, cultura e envelhecimento, como *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. Criou a Universidade Aberta à Terceira Idade e tornou-se referência nos estudos sobre memória social no Brasil.

² Mário de Souza Chagas é poeta, museólogo e cientista social brasileiro. Formado em Museologia (UniRio) e com doutorado em Ciências Sociais (UERJ), foi um dos articuladores da Política Nacional de Museus (2003) e participou da criação do Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM).

³ José Reginaldo Santos Gonçalves é antropólogo cultural, professor do Programa de PósGraduação em Sociologia e Antropologia da UFRJ e pesquisador do CNPq. Doutor pela University of Virginia, é autor de *A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil* e tem se dedicado a estudar memória, patrimônio cultural e materialidade.

de sua história e revelam aspectos de sua trajetória pessoal. Assim, escolher o que fazer parte do acervo de uma exposição que conta a história de seu bairro, não só coloca essas pessoas como protagonistas mas também traz outras narrativas para bairros que muitas vezes são ignorados na memória da cidade de São Paulo, abrindo espaço para uma autorrepresentação⁴.

A valorização de memórias cotidianas e experiências pessoais como parte do patrimônio coletivo tem olhares de autores como Mário Chagas, que nos oferece a ideia de uma “museologia do sensível”, voltada à escuta e à partilha das narrativas humanas e de Ecléa Bosi, que ao tratar da memória como construção social e afetiva, destaca que recordar é um ato de resistência.

Em tempos de comunicação digital, o projeto propõe resgatar o gesto da escrita e a materialidade do papel como patrimônio cultural e emocional, traduzindo essas lembranças em uma exposição fotográfica colaborativa.

O formato de curadoria colaborativa⁵ é central na proposta: as imagens que compõem a exposição serão enviadas pelo próprio público, formado majoritariamente por moradores da Zona Leste e do Extremo Leste de São Paulo, frequentadores das Casas de Cultura Raul Seixas, São Mateus, Guaianases e Hip Hop Leste, além de educadores, estudantes, idosos e famílias que desejem compartilhar suas lembranças e histórias de vida. Essa metodologia colaborativa reconhece o valor da experiência cotidiana e o papel do cidadão como produtor de cultura, em consonância com o Marco Regulatório do Fomento à Cultura (Lei nº 14.903/2024), que incentiva práticas colaborativas, educativas e descentralizadas e com a Política Nacional Aldir Blanc (Lei nº 14.399/2022), que estabelece a democratização do acesso à produção artística e à difusão cultural nos territórios periféricos e rurais. Assim, o projeto atua como um espaço de escuta e representação plural, onde cada fotografia é um testemunho afetivo e coletivo.

⁴ CURY, 2020, p.166.

⁵ O termo curadoria colaborativa se refere a um processo em conjunto com as populações onde seus objetos foram musealizados, fazendo uso do diálogo e participação para criação de acervos e exposições.

1.1 Mostra Itinerante

A exposição “Coração de Papel - Memórias das Lestes” será itinerante percorrendo quatro Casas de Cultura localizadas na Zona Leste e no Extremo Leste de São Paulo. O trajeto tem início na Casa de Cultura Raul Seixas (Itaquera) e segue para a Casa de Cultura São Mateus, Casa de Cultura Guaianases e Casa de Cultura Hip Hop Leste (Cidade Tiradentes).

Mas a valorização específica das expressões patrimoniais, elaboradas e vivenciadas pela população da cidade de São Paulo, atravessou um longo período até que fossem interpretadas e contextualizadas nos processos de musealização. (BRUNO, 2004, p. 26).

Essa escolha de percurso reflete o compromisso do projeto com a descentralização cultural e com a valorização dos territórios periféricos, reconhecendo nesses espaços não apenas o público, mas também os protagonistas da ação.

A Zona Leste e o Extremo Leste concentram mais de 4 milhões de habitantes (IBGE, 2022) e uma das maiores diversidades étnico-culturais da capital. Apesar dessa potência criativa, a região ainda enfrenta desigualdades históricas no acesso a políticas públicas de fomento e a equipamentos culturais. Segundo o Observatório de Políticas Culturais da USP (2023), apenas cerca de 18% dos espaços culturais municipais estão localizados em áreas periféricas, o que reforça a relevância de projetos itinerantes como este, que atuam na ampliação do acesso à arte, à memória e à cultura.

Segundo Frateschi (2004, p. 1), “se os museus têm o poder de decidir o que lembrar e o que esquecer [...]”, os processos museológicos exercem um papel fundamental na construção das narrativas sobre o passado e na valorização das memórias coletivas.

Os frequentadores das casas de cultura costumam ser as famílias que vivem no entorno e tem os parques como área de lazer, principalmente aos fins de semana. Esses espaços fazem parte da vida dos moradores e contemplam diversas faixas etárias, das crianças que vão brincar, os adultos que passeiam com os cachorros até os idosos que usam o espaço para pequenas caminhadas. Além de eventos culturais

esporádicos, que seguem uma agenda, os espaços também contam com usuários fiéis que frequentam as atividades que são proporcionadas gratuitamente ao longo da semana (como dança e meditação).

Ao transitar entre esses equipamentos públicos, “*Coração de Papel - Memórias das Lestes*” reafirma o papel das Casas de Cultura como lugares de encontro, escuta e convivência, fortalecendo laços comunitários e criando oportunidades de troca intergeracional e afetiva.

A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.” (BOSI, 1994, p. 54).

Além de expor as imagens coletadas, cada parada da itinerância será também um espaço de mediação e formação, integrando oficinas, rodas de conversa e ações educativas. Assim, a mostra não apenas apresenta um acervo de lembranças, mas também se torna parte viva do território, acompanhando os fluxos e histórias das comunidades que a acolhem. A valorização das experiências e vivências locais contribui para fortalecer os vínculos entre os indivíduos e o território, uma vez que, segundo Frateschi (2004, p. 3), “a preservação da memória cotidiana amplia as possibilidades de pertencimento da população à cidade”.

2 OBJETIVO

2.1 Objetivo geral

Desenvolver a mostra itinerante *Coração de Papel – Memórias das Lestes*, por meio de processos de curadoria colaborativa, com o propósito de preservar e valorizar a memória afetiva e a comunicação escrita como expressões de identidade cultural e comunitária. A proposta busca incentivar o registro, a salvaguarda e o compartilhamento de memórias pessoais e coletivas por meio de cartas, fotografias e relatos produzidos pelos próprios moradores dos territórios participantes, promovendo o diálogo intergeracional e a reflexão sobre o papel do suporte papel (em

seus aspectos materiais e simbólicos) como instrumento de comunicação, afeto e permanência da memória. Além disso, pretende fortalecer a participação comunitária e o protagonismo cultural em territórios periféricos, desenvolvendo ações colaborativas de pesquisa, escuta e construção curatorial com a população local, bem como garantir a difusão digital e a preservação acessível das memórias coletadas, possibilitando a replicação e expansão da itinerância para outras regiões periféricas da cidade de São Paulo.

Realizar grupos com moradores dos bairros envolvidos, promovendo encontros destinados à discussão de temas como o reconhecimento das características e especificidades de cada território, o levantamento de sugestões de mão de obra e materiais locais para utilização na expografia e, por fim, o desenvolvimento de um processo de curadoria colaborativa para a seleção do acervo a ser exposto.

2.2 Objetivos específicos

- Realizar uma exposição fotográfica colaborativa, formada por imagens enviadas pelo público, que expressem lembranças registradas em papel.
- Promover uma curadoria colaborativa e coletiva que reconheça o papel do cidadão como produtor e guardião de sua própria história.
- Contar uma parte da história do bairro por meio dos relatos dos moradores.
- Promover identificação e representatividade por meio do acervo.
- Usar mão de obra e materiais locais, além de reutilizar os suportes expositivos, como medidas de sustentabilidade e pertencimento.
- Analisar a participação da população local na construção do conteúdo expositivo.
- Criar oficinas de integração com a população.
- Reforçar o vínculo entre comunidade e espaços públicos culturais, fortalecendo o papel das Casas de Cultura como locais de convivência, formação e memória;
- Estimular a diversidade cultural e geracional, criando oportunidades de diálogo entre diferentes faixas etárias e contextos sociais;
- Disponibilizar materiais educativos acessíveis que integrem a exposição ao ambiente escolar, aproximando a experiência artística do currículo e da comunidade;

- Contribuir para o acervo digital da memória coletiva, preservando e ampliando o alcance das histórias compartilhadas;
- Investigar os efeitos de uma mostra itinerante em territórios periféricos;
- Criar um modelo de mostra itinerante que possa ser replicado em diferentes zonas periféricas de São Paulo;
- Promover a escuta ativa dos moradores dos territórios envolvidos, valorizando suas vivências, percepções e relações com o bairro;
- Incentivar a participação comunitária nos processos de construção do projeto, fortalecendo o vínculo entre o público e a proposta cultural;
- Identificar e mapear recursos locais, incluindo mão de obra, saberes e materiais que possam ser incorporados à expografia da exposição;
- Desenvolver atividades educativas e artísticas que estimulem o hábito da escrita manual, a expressão criativa e o resgate das tradições comunicativas.
- Discutir a importância do papel como suporte.

3 JUSTIFICATIVA DO PROJETO

Diante desse contexto, torna-se fundamental o desenvolvimento de iniciativas que promovam a descentralização do acesso à cultura e valorizem as narrativas locais. Nesse sentido, o projeto de exposição itinerante “Coração de Papel” propõe levar experiências culturais diretamente às comunidades da Zona Leste, utilizando uma abordagem de curadoria colaborativa. A proposta busca transformar memórias individuais em um acervo coletivo, no qual os próprios moradores se tornam protagonistas ao compartilhar objetos, imagens e histórias significativas de suas trajetórias.

Segundo Ribeiro, “os museus antropológicos transformaram objetos do cotidiano em testemunhos materiais de culturas consideradas exóticas”. Nesse processo, “os acervos etnográficos foram constituídos, muitas vezes, sem considerar os significados simbólicos dos objetos para seus povos de origem” (RIBEIRO, 1979, p. 23).

A relevância do projeto se evidencia no seu potencial de ampliar o acesso à cultura, fortalecer o sentimento de pertencimento e garantir espaço de fala às populações periféricas, promovendo uma produção cultural mais diversa, inclusiva e representativa.

3.1 Resumo da realidade observada

Em São Paulo, os centros culturais e as exposições concentram-se predominantemente nas áreas centrais da cidade, o que dificulta o acesso de moradores das periferias e bairros mais afastados. Essa realidade evidencia uma desigualdade no acesso a atividades culturais e limita a participação da população dessas regiões em iniciativas artísticas e educativas. Além disso, os conteúdos apresentados nesses espaços nem sempre refletem a realidade e a experiência de vida desses moradores. Quando há tentativas de representá-los, muitas vezes as pessoas não se sentem efetivamente representadas, gerando distanciamento e desinteresse. A Zona Leste de São Paulo é uma das regiões que enfrenta esse desafio, o que torna ainda mais relevante a realização de projetos culturais itinerantes, como a exposição “Coração de Papel”, que busca levar experiências culturais diretamente às comunidades e valorizar suas memórias afetivas e histórias de vida.

3.2 Dados e evidências

A cidade de São Paulo é reconhecida pela ampla oferta de atividades culturais disponíveis à população, contando com diversos museus, centros culturais e instituições que oferecem programação gratuita ou a baixo custo ao longo da semana (SÃO PAULO, 2026). Nesse contexto, a cultura também é compreendida como um elemento estratégico para o desenvolvimento social e econômico, cabendo ao poder público implementar políticas e ações que ampliem o acesso da população aos bens culturais e incentivem a produção artística (SÃO PAULO, 2026). Apesar dessa oferta significativa e dos esforços institucionais para democratizar o acesso à cultura, a distribuição desses equipamentos e iniciativas ainda ocorre de forma desigual no território. Moradores de regiões periféricas relatam dificuldades consideráveis no acesso aos equipamentos públicos culturais, tanto em função da distância quanto pela baixa circulação de atividades culturais em seus territórios (SÃO PAULO, 2022).

Além disso, a desigualdade não se limita ao acesso físico, manifestando-se também na baixa representatividade das vivências periféricas nas produções culturais, o que afasta o público desses espaços (O PODER POPULAR, 2026). Em relatos do Teatro de Contêiner, participantes afirmam que:

Tem uma linha de raciocínio vindo pelo Governo do Estado e o Governo Municipal de São Paulo, que é realmente uma limpeza étnica e a gente está incluído nisso, porque a gente representa o povo. É uma higienização, pessoas que não são dignas talvez de pisar nesse terreno deles, por não terem dinheiro. É bem simples: me parece que eles odeiam o pobre, e a gente está dentro desse percurso que eles estão traçando no governo da cidade, e no governo estadual para higienizar cada vez mais. A cultura é muito pujante com relação às reflexões, e mostrar o que realmente está acontecendo na história, o que se passando no tempo. A gente acaba sendo também afetado, perseguido para ser silenciado e não representar nenhuma voz mais dessas pessoas marginalizadas por eles no centro da cidade de São Paulo” (O PODER POPULAR, 2026).

Historicamente, São Paulo tem avançado em políticas públicas de cultura, mas também acumula um histórico de autoritarismos, retrocessos e anacronismos de gestões elitistas e neoliberais, refletindo desigualdades estruturais semelhantes às políticas federais. A gestão de Marilena Chauí (1989–1992) representou uma oportunidade significativa para implementar políticas culturais democráticas, reconhecendo a cultura como direito social (CALABRE; VAL, 2024). Nesse período, foram implantadas as primeiras Casas de Cultura nas periferias e ações descentralizadas chamadas “Ação Cultural Regionalizada”, coordenando projetos em conjunto com atores locais. Embora o debate conceitual tenha avançado, barreiras como burocratização, privilégios da elite e restrições orçamentárias limitaram a efetividade prática dessas ações (CALABRE; VAL, 2024). Ainda assim, a inserção desses equipamentos nas regiões periféricas transformou a cartografia cultural da cidade, ampliando a fruição cultural e o acesso à produção artística para artistas, coletivos e comunidades locais (CALABRE; VAL, 2024).

No contexto da cidadania cultural, o acesso à cultura nas periferias não se restringe à oferta de equipamentos e atividades; está diretamente relacionado ao direito à cidade e à possibilidade de jovens e moradores desses territórios participarem ativamente da produção cultural. O reconhecimento da cultura como direito pressupõe não apenas a fruição de bens culturais, mas também a participação na tomada de decisões, na criação de conteúdo e na circulação de saberes, fortalecendo o pertencimento e o protagonismo dos sujeitos periféricos (ALMEIDA,

2013). Políticas culturais que não consideram essas dimensões acabam reproduzindo desigualdades, enquanto iniciativas que promovem ações colaborativas e descentralizadas ampliam a efetivação dos direitos culturais e contribuem para a construção de uma cidade mais democrática e inclusiva (ALMEIDA, 2013). A Zona Leste da cidade de São Paulo abriga uma rede de equipamentos culturais, como as Casas de Cultura Raul Seixas (Itaquera), São Mateus, Guaianases e Hip Hop Leste, que desempenham papel central no cotidiano das comunidades locais. Esses espaços são frequentados por moradores do entorno e funcionam como locais de convivência, lazer e acesso a atividades culturais gratuitas. O público é diverso, incluindo crianças, jovens, adultos e idosos, que participam de atividades regulares — como dança e meditação —, além de momentos de lazer, especialmente aos fins de semana.

Apesar dessa presença territorial, observa-se que os centros culturais, museus e exposições ainda se concentram predominantemente nas regiões centrais. Essa distribuição desigual dificulta o acesso da população residente em bairros periféricos, que enfrenta barreiras como deslocamento, custo e falta de informação. Além disso, quando há iniciativas culturais voltadas a essas populações, nem sempre conseguem refletir de forma fiel suas vivências, gerando distanciamento e baixa identificação do público (SÃO PAULO, 2022; O PODER POPULAR, 2026).

3.3 Contexto geral onde o projeto está inserido

A Zona Leste da cidade de São Paulo abriga uma rede de equipamentos culturais que são as casas de cultura, como as Casas de Cultura Raul Seixas (Itaquera), São Mateus, Guaianases e Hip Hop Leste, que desempenham um papel importante no cotidiano das comunidades locais. Esses espaços são frequentados por moradores do entorno e funcionam como locais de convivência, lazer e acesso a atividades culturais gratuitas. O público é diverso, incluindo crianças, jovens, adultos e idosos, que utilizam esses espaços tanto para atividades regulares, como dança e meditação, quanto para momentos de lazer, especialmente aos fins de semana.

Apesar dessa presença territorial, observa-se que, de modo geral, os centros culturais, museus e exposições da cidade de São Paulo ainda se concentram predominantemente nas regiões centrais. Essa distribuição desigual dificulta o acesso da população residente em bairros periféricos, que muitas vezes enfrenta barreiras como deslocamento, custo e falta de informação. Além disso, quando há iniciativas culturais voltadas a essas populações, nem sempre elas conseguem refletir de forma fiel suas vivências, gerando distanciamento e baixa identificação do público. Tomando como recorte a Casa de Cultura Raul Seixas, localizada em Itaquera, observa-se um espaço amplamente utilizado para lazer e atividades comunitárias, além de estar inserido em uma região de grande circulação. Esse contexto evidencia o potencial do local como ponto estratégico para ações culturais que dialoguem diretamente com a população.

3.4 Problema identificado

Nesse cenário, o problema central identificado é a dificuldade de acesso da população periférica aos equipamentos culturais e a baixa representatividade de suas vivências nas produções artísticas exibidas nesses espaços. Essa realidade contribui para a exclusão cultural de uma parcela significativa da população, limitando sua participação ativa na produção e fluxo cultural. Como consequência, observa-se, a curto prazo, a manutenção de um cenário em que o acesso à cultura permanece restrito a determinados grupos sociais. A longo prazo, essa dinâmica contribui para o enfraquecimento da identidade cultural local, a baixa participação em atividades culturais e a sensação de não pertencimento por parte dos moradores dessas regiões. Além disso, a ausência de representatividade nas exposições e produções culturais reforça o distanciamento entre o público periférico e os espaços culturais.

4 DESENVOLVIMENTO

O processo de desenvolvimento do projeto baseia-se no diálogo com as equipes das Casas de Cultura Raul Seixas, São Mateus, Guaianases e Hip Hop Leste, espaços que receberão as etapas de itinerância da exposição. Esse contato inicial permite compreender as características socioculturais de cada território, o perfil do público frequentador e as dinâmicas culturais já presentes nesses equipamentos. A escuta e a articulação com os agentes culturais locais contribuem para que a proposta expositiva se construa em diálogo com os contextos em que será apresentada.

A proposta parte da ideia de que as histórias pessoais e as lembranças do cotidiano podem ser compreendidas como espaços simbólicos de memória. Nesse sentido, as narrativas individuais são representadas metaforicamente como casas, enquanto as imagens funcionam como janelas pelas quais se pode acessar fragmentos dessas experiências e trajetórias. A forma do mobiliário busca aproximar o visitante das histórias apresentadas, criando uma relação de reconhecimento e identificação com as memórias compartilhadas.

A metodologia do projeto prevê a realização das oficinas tanto antes quanto durante o período expositivo. O objetivo é estimular o envolvimento do público com a exposição desde as etapas iniciais, apresentar noções básicas de registro fotográfico e incentivar reflexões sobre memória, cotidiano e pertencimento. Ao participar dessas atividades, os visitantes deixam de ocupar apenas a posição de espectadores e passam a atuar como colaboradores na construção da experiência expositiva.

Essa abordagem dialoga com perspectivas contemporâneas da museologia e da educação em museus, que defendem a participação do público como elemento fundamental na construção de experiências culturais significativas. Segundo Simon (2010), projetos participativos ampliam o potencial social das instituições culturais ao permitir que diferentes vozes e experiências façam parte do processo de criação e interpretação das exposições. Dessa forma, as oficinas e atividades educativas não são apenas complementares à mostra, mas integram o próprio processo de construção e circulação das memórias apresentadas.

5. METODOLOGIA

5.1 Curadoria colaborativa

A metodologia adotada para o desenvolvimento do projeto “Coração de Papel – Memórias das Lestes” fundamenta-se na prática da curadoria colaborativa, que compreende o museu e a exposição como espaços de escuta, partilha e construção coletiva de memórias. No artigo *Política de gestão de coleções: museu universitário, curadoria indígena e processo colaborativo* (2020), da Marília Xavier Cury, aponta que ainda existe em alguns museus a lógica hegemônica da naturalização das desigualdades, expressas em escolhas narrativas, formas de representação e escolhas museológicas que essas instituições têm⁶. Uma forma de quebrar essa lógica é com a curadoria colaborativa.

Como método (COLWELL, 2020; ROCA, 2015), concordamos que a colaboração se estrutura no trabalho conjunto, em pesquisa com grupos culturais envolvidos em todas as etapas de desenvolvimento e com objetivos comuns e benefícios mútuos, prática baseada na negociação entre os diferentes e discordantes, uma outra interdisciplinaridade na forma como se planeja e executa a pesquisa. Por tudo, é um lugar metodológico novo que promove pluralidade, multivocalidade e a divisão de poder na tomada de decisão. (CURY, 2020, p.172)

Assim, a curadoria colaborativa possibilita uma pluralidade de pensamentos e o principal, a transformação de uma exposição feita através da dinâmica de um observador distanciado e o observado para uma onde todos são “sujeitos ativos implicados e em interação”⁷. E assim dando voz ao grupo dos moradores da Zona Leste, e não falando por eles.

Portanto, o processo de elaboração do projeto vai ser estruturado em etapas, integrando pesquisa teórica, diálogo com os territórios e planejamento colaborativo com as Casas de Cultura parceiras e seus frequentadores. Após um diagnóstico do

⁶ CURY, 2020, p.170.

⁷ Idem, p.172.

território e o estabelecimento da parceria com uma das Casas seria feita a formação de um grupo interdisciplinar para compor no processo dessa curadoria colaborativa. Esse time deve ser diversificado, diferentes idades e vivências, mas desde que vivam ou tenham vivido no bairro.

Entraremos em contato com associações de bairro, coletivos, escolas e os próprios frequentadores das Casas de Cultura para que os interessados possam participar da curadoria da exposição. Também será feita uma parceria com Instagrans e grupos de Facebook sobre o bairro para a divulgação do grupo e da futura exposição. A ideia é neste momento fazer uma seleção dos participantes, onde eles vão poder se inscrever através de um Google Forms ou em uma folha física na própria Casa de Cultura, apenas com dados básicos, como nome, cpf, endereço e quanto tempo reside no bairro.

Após o recrutamento do grupo para a curadoria colaborativa será feita uma formação com os participantes para entenderem um pouco mais sobre museologia, como é feita uma exposição e quais serão o papel deles neste projeto. Esse grupo vai contribuir principalmente na curadoria do acervo para exposição, construção narrativa e produção de legendas. Assim a visão e memória que eles têm sobre o próprio bairro será mostrada na exposição.

Agora pensando no acervo da exposição, ele vai ser constituído por fotografias digitais de lembranças registradas em papel como cartas, bilhetes, desenhos, documentos, recados e fotografias impressas. Qualquer foto do material que seja de papel e represente alguma memória afetiva do morador com o bairro, será bem-vinda ao acervo. Essas imagens serão enviadas pelo público por meio de outro formulário online, acompanhadas de autorização de uso (cessão de empréstimo), identificação e um breve relato da importância daquela memória. O formulário vai ser divulgado nas Casas de Cultura, panfletagens no entorno, em estações de ônibus e no metrô e nas redes sociais das Casas convidando o público para a ação. Já a seleção do que vai entrar na exposição, junto a produção de legendas e textos expositivos, vão ser feitas em conjunto do grupo da curadoria colaborativa através de reuniões presenciais.

Os critérios de seleção priorizam a legibilidade da imagem, a diversidade de histórias e a variedade de formas de registro. As fotografias recebidas são tratadas digitalmente e organizadas em um banco de dados com arquivamento em nuvem e cópia de segurança, garantindo sua preservação. Uma parte dessas histórias serão selecionadas para impressão e exposição na mostra que vai entrar em itinerância, lembrando que essa escolha será feita em conjunto com o grupo de moradores da região que participarão de toda a construção da exposição. Desde uma conversa inicial, para compreender melhor o território e o que ele representa para a população local, até a curadoria das fotografias.

Assim, esse método de curadoria colaborativa condiz com um dos principais objetivos, onde cada Casa de Cultura deve conseguir trazer as histórias dos moradores do bairro que está localizada. Dando voz a essas pessoas e maior reconhecimento para o território da Zona Leste e a diversidade de narrativas que existem sobre ela, com ênfase na perspectiva dos próprios moradores, desde as imagens enviadas até a criação da narrativa da exposição.

5.2 Oficina de Fotografia com Celular: “Olhar e Pertencimento”

Reconhecendo a diversidade de idade e acessibilidade digital do público que frequenta as casas de cultura, além de poder criar uma conexão com os espaços e o público frequentador, surgiu a necessidade da criação de uma oficina.

A primeira ação do projeto *Coração de Papel - Memórias das Lestes* é a oficina de fotografia com celular, desenvolvida em parceria com as Casas de Cultura da Zona Leste e Extremo Leste de São Paulo. Essa atividade ocorre antes da abertura da exposição, configurando-se como um processo preparatório de formação, mobilização e escuta comunitária.

A oficina tem como propósito ensinar técnicas básicas de enquadramento, luz e composição fotográfica, utilizando o celular como ferramenta acessível de criação, mas, sobretudo, despertar o olhar sensível sobre o cotidiano e o território, mais do

que aprender a fotografar, os participantes são convidados a reconhecer sua própria história e a do seu bairro como fonte de arte e memória.

Durante os encontros, cada participante produz registros de objetos, lugares ou situações que simbolizam afeto, lembrança ou pertencimento, compondo assim um acervo colaborativo que se integrará à mostra itinerante. Essas imagens serão selecionadas e incorporadas à exposição, de modo que a própria comunidade se torne coautora do projeto.

A proposta nasce da ideia de que a exposição só se concretiza com a presença e o olhar dos moradores sobre o território onde nasceram e cresceram, e não apenas mais um olhar externo sobre eles. A oficina, portanto, funciona como um convite simbólico: “a mostra só vai existir com vocês”. Por meio desse gesto de abertura, o projeto estabelece um vínculo afetivo e pedagógico com o público, que não apenas visita, mas constrói e habita a exposição.

5.3 Registro e Sistematização

As memórias enviadas pelos colaboradores serão organizadas e integradas ao acervo da exposição. Cada etapa da itinerância resultará em um novo conjunto de imagens e narrativas, respeitando a singularidade de cada território. O material produzido nas oficinas também será incorporado ao processo de registro: os cartões postais emprestados pelos participantes, durante as atividades do educativo, formarão o único acervo fixo da mostra, acompanhando-a em suas próximas edições; já o caderno educativo (anexo 10) será elaborado ao final de cada itinerância, reunindo as imagens e histórias recebidas naquela localidade.

Esse método permite que a exposição se mantenha viva, mutável e representativa das vozes que a constroem, fortalecendo o caráter comunitário e processual do projeto.

5.4 “Roda de conversa”- entrevista

Técnica: Entrevista

A metodologia adotada será a realização de rodas de conversa por meio da técnica de entrevistas, com a participação de moradores dos bairros por onde passar a itinerância do projeto. Os encontros serão conduzidos com uso de perguntas abertas relacionadas aos temas de cada reunião. As discussões serão registradas por meio de gravação de áudio, com consentimento dos participantes.

Curadores colaborativos: Moradores dos bairros onde a exposição itinerante será realizada.

Instrumento: gravador

5.4.1 A seleção dos grupos

O primeiro passo para a realização dos encontros vai ser a seleção das pessoas que vão participar deles.

De acordo com Lima, Bucher, Pizzol e Trad, a seleção dos participantes em grupos focais deve ocorrer de forma intencional e em consonância com os objetivos da pesquisa, priorizando indivíduos capazes de contribuir de maneira significativa para as discussões propostas. Os autores também ressaltam a importância da consulta a informantes-chave familiarizados com o contexto investigado, uma vez que suas contribuições podem auxiliar na compreensão das especificidades do fenômeno estudado e até mesmo justificar a revisão e adequação dos critérios previamente estabelecidos para a composição dos grupos. Nesse sentido, Trad destaca que, após a definição do perfil dos participantes e dos critérios de inclusão, a seleção deve considerar tanto a representatividade do grupo quanto a capacidade dos indivíduos de compartilhar experiências relacionadas ao objeto da pesquisa (TRAD, 2009).

Os primeiros critérios adotados para os participantes foram:

- Ser morador(a) da comunidade ou possuir relação direta com o território;
- Ter vivências, memórias ou histórias relacionadas ao bairro e à comunidade;
- Possuir objetos, fotografias, documentos ou outros materiais que contribuam para a construção do acervo da exposição;
- Demonstrar interesse em participar da construção coletiva da exposição e da curadoria colaborativa;
- Representar diferentes gerações, trajetórias e experiências dentro da comunidade, buscando diversidade de perspectivas sobre o território;
- Incluir pessoas reconhecidas pela comunidade como guardiãs de memórias locais, lideranças, artistas, trabalhadores, comerciantes ou participantes de movimentos culturais e sociais do bairro;
- Ter disponibilidade para participar das rodas de conversa, debates e demais atividades propostas durante o processo curatorial;
- Contribuir para a construção de uma narrativa coletiva sobre as memórias, transformações e identidades do território.

5.4.2 O grupo

Buscando englobar diferentes vivências e facilitar o diálogo, chegamos ao número de 12 participantes que vão se comprometer a participar de todos o processo.

- Um grupo com moradores mais antigos; • um grupo com jovens;
- Um grupo com artistas, trabalhadores locais ou lideranças comunitárias.

5.4.3 Moderador

O projeto foi idealizado para ser realizado por seus responsáveis mas na falta, ou na replicação dele, as sugestões de moderadores seriam:

- O curador(a) da exposição;
- Um(a) museólogo(a);
- Um(a) educador(a) museal;

5.5 Roteiro de pesquisa

5.5.1 1º Encontro – Conhecimento do território e dos participantes

Grupo focal – Curadoria colaborativa e memória do território

Objetivo:

- Apresentação dos participantes;
- Discussão sobre o bairro, suas características e dinâmicas locais;

Uso de perguntas abertas para levantamento de percepções e vivências.
(questionário em anexo)

5.5.2 2º Encontro – Mapeamento de recursos locais

Objetivo:

- Identificação de possíveis profissionais locais;
- Levantamento de materiais disponíveis na região;
- Aplicação de formulário para sistematização das informações.

5.5.3 Formulário

Vai ser aplicado com uma contextualização inicial abaixo:

“Antes de iniciarmos o questionário, gostaríamos de explicar que esta exposição está sendo pensada de forma colaborativa, valorizando a participação ativa dos moradores da comunidade em todas as etapas do processo expográfico. A proposta é que os materiais, objetos, saberes e também a mão de obra utilizados na construção da exposição possam, sempre que possível, vir do próprio bairro.

É importante destacar que toda contribuição realizada pelos moradores — seja por meio do empréstimo ou produção de materiais, prestação de serviços, apoio na montagem, mediação, decoração, produção artística ou outras atividades — será devidamente remunerada. A intenção é reconhecer o trabalho, o conhecimento e a experiência das pessoas da comunidade como parte fundamental da construção da exposição. Além de fortalecer a economia local, a participação dos moradores torna a exposição mais representativa, afetiva e conectada com a realidade do território. Assim, este questionário busca ouvir opiniões, sugestões e possibilidades de participação dos moradores, entendendo como a comunidade pode contribuir para a criação coletiva dessa exposição.” (em anexo 12)

5.5.4 3º Encontro – Curadoria colaborativa

Entrevistas – Curadoria colaborativa e memória do território

Objetivo:

- Discussão sobre memórias, objetos e narrativas significativas;
- Seleção coletiva do acervo a ser exposto;
- Uso de perguntas abertas para orientar o processo curatorial.

O grupo seleciona as histórias e memórias que vão ser usadas na exposição.
(questionário em anexo)

5.6 Resultados

Análise de Conteúdo – Laurence Bardin

Categorização de falas, respostas abertas, registros de observação.

Grupos focais – 1º Encontro – Conhecimento do território e dos participantes e 3º Encontro – Curadoria colaborativa

1ºetapa- organização do material coletado

Nesta etapa vai ser ouvido e transcrito todas as gravações de áudio/ vídeo, as anotações dos moderadores e observações sobre o que aconteceu durante os encontros.

2ºetapa- Procurar padrões e contradições. Depois da leitura, agrupar as falas em temas.

- Criação das categorias e codificação:

O que apareceu mais?

O grupo concordou em algo?

Houve opiniões diferentes?

3ºetapa- criar uma tabela

Com as palavras-chaves e as categorias montar uma tabela para conhecer o que é dito

mais vezes pelos moradores.

4ºetapa- Juntar com os objetivos

Avaliar se a exposição representa o território da comunidade.

Formulário -2º Encontro – Mapeamento de recursos locais

1º contabilizar as respostas das questões objetivas

2° Agrupar as respostas abertas em categorias temáticas.

3° Compreender como os moradores podem participar da construção da exposição.

6 PROJETO DE COMUNICAÇÃO

A comunicação museológica do projeto *Coração de Papel - Memórias das Lestes* tem como objetivo estabelecer pontes entre a exposição, o território e os diferentes públicos que frequentam as Casas de Cultura participantes. Mais do que divulgar a mostra, a comunicação é compreendida como uma estratégia de mediação cultural, capaz de aproximar os moradores das narrativas apresentadas e estimular a participação da comunidade na construção do projeto.

Nesse contexto, as ações de comunicação buscam traduzir os conceitos centrais da exposição: memória, afeto e pertencimento territorial; em linguagens visuais e narrativas acessíveis. Dessa forma, os materiais de divulgação não são concebidos apenas como instrumentos informativos, mas também como extensões simbólicas da própria proposta curatorial, convidando o público a reconhecer suas próprias histórias nas memórias compartilhadas pela exposição.

Considerando o caráter itinerante do projeto, a estratégia de comunicação prioriza canais que dialoguem diretamente com o cotidiano dos moradores da Zona Leste e do Extremo Leste de São Paulo. Assim, serão utilizados tanto meios digitais, como redes sociais das Casas de Cultura, quanto materiais impressos distribuídos no território, como marca-páginas e banners institucionais.

Além da divulgação da exposição, as ações de comunicação também têm como objetivo incentivar a participação do público na curadoria colaborativa do projeto, convidando moradores, educadores e frequentadores das Casas de Cultura a compartilhar memórias registradas em papel.

6.1 Identidade visual

A identidade visual do projeto foi concebida como um elemento fundamental para a comunicação da exposição, buscando traduzir visualmente os conceitos de memória, afeto e pertencimento territorial que orientam a proposta curatorial.

A construção da identidade visual considera tanto aspectos simbólicos quanto funcionais, articulando cores, tipografias e elementos gráficos capazes de dialogar com o público das Casas de Cultura e com o território onde a exposição será apresentada.

6.1.1 Paleta de cores

A escolha das cores e das tipografias nasce de uma aproximação afetiva com a matéria e com o tempo. A paleta terrosa e natural com o verde, bege, marrom e branco, evoca a origem vegetal do papel e sua lenta transformação, como se cada tom guardasse uma memória. O verde fala da continuidade da vida e do pertencimento ao território; o marrom remete às raízes e à ancestralidade; o bege e o branco sugerem lembrança e esquecimento, como rastros que se apagam e permanecem. Assim, a paleta cromática do projeto se entrelaça à natureza e à passagem do tempo, sustentando a narrativa da exposição com delicadeza e profundidade.

Figura 1: paleta de cores do projeto



Fonte: produção do grupo

6.1.2 Tipografia

A tipografia Lumios Typewriter Tape, usada nos títulos, reforça o vínculo com o gesto da escrita e a estética do analógico, enquanto a Arial, no corpo de texto, garante legibilidade e equilíbrio contemporâneo. Juntas, elas traduzem a essência do projeto: a coexistência entre o antigo e o atual, o artesanal e o digital, o pessoal e o coletivo.

Figura 2: Lumios Typewriter Tape



Figura 3: Arial



6.1.3 Logotipo

A paleta de cores: verde pinus, verde eucalipto, marrom, bege, branco e preto remete às origens naturais do papel e à terra, evocando a relação entre natureza, tempo e memória. O logo tem as cores da paleta do projeto, uma jiboia como referência ao coração que se desdobra em vários corações menores de papel. O fundo de madeira remete à árvore, as origens do papel.

Figuras 4, 5, 6 e 7: referências do logo

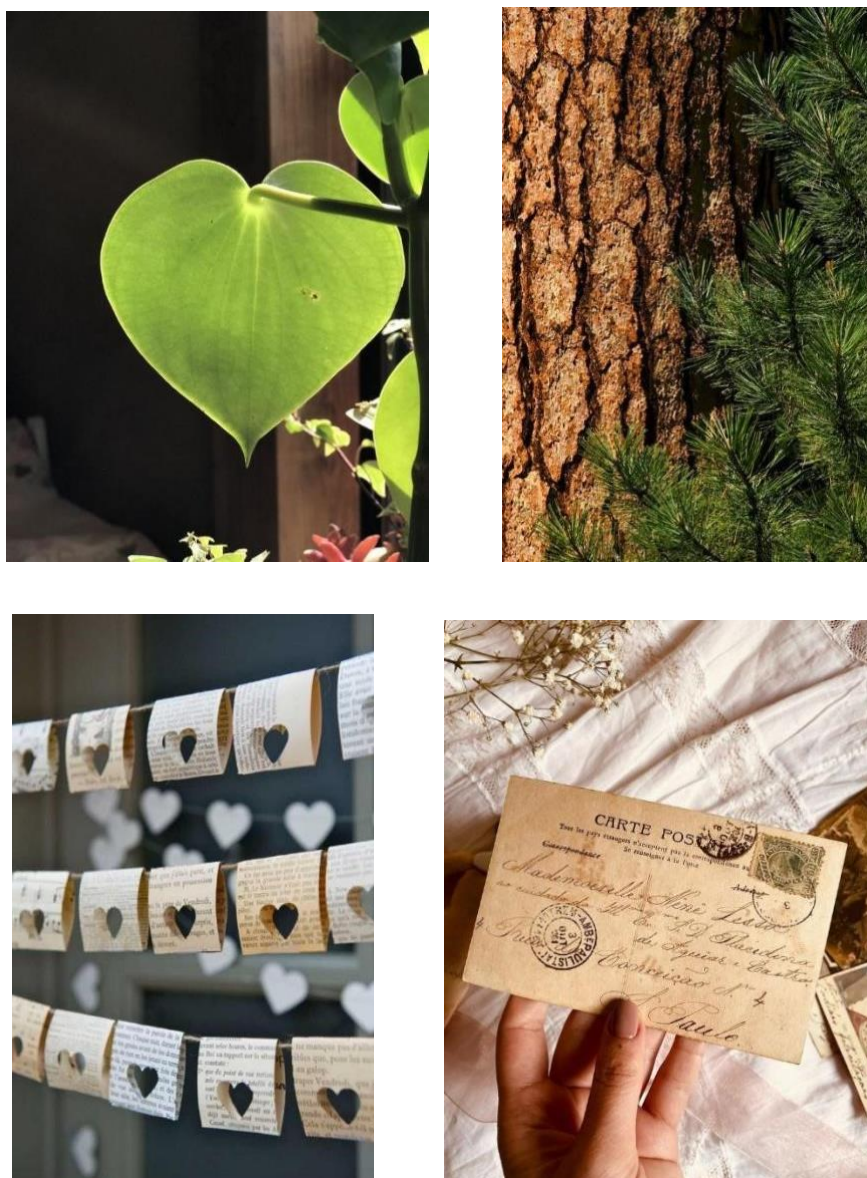


Figura 8: Logo da exposição



Fonte: Logotipo feito por @ t.fox.art

Os verdes de Pinus e Eucalipto se abrem como respiros no meio do concreto. São tons que carregam a promessa do que continua vivo, mesmo quando tudo ao redor tenta sufocar. Verdes que lembram que a vida insiste, empurra a terra, rompe o silêncio porque nascer é também um ato político.

O marrom escuro é memória de tronco: cor de origem, de raiz, de tudo que sustenta em silêncio. É a matéria que já viu o mundo mudar mil vezes, mas nunca deixou de existir. Nele mora a força, a resistência e as histórias que ninguém conseguiu arrancar. É terra, é corpo, é sobrevivência!

O bege é a folha em seu estado mais puro: cor de início, de criação, de silêncio fértil. É o intervalo onde tudo pode nascer: memória, palavra, afeto e luta. E ali, entre essas cores que respiram luta, brota a jiboia; planta-coração. Ela não cresce em linha reta. Ela cresce como quem dança, como quem abraça, como quem se estende para tocar o impossível. A jiboia se enrola, se dobra, se refaz: é o gesto de carinho que também é gesto de coragem. É afeto que se espalha sem pedir licença, é cura que nasce das frestas!

No encontro dessas cores, surge um símbolo: Um coração que não é frágil, embora seja de papel. Um coração que entende que criar é resistir, que lembrar é lutar, e que existir, às vezes, é o maior grito. É um pulso, um corpo vivo: um Coração de Papel que bate contra tudo que tenta apagar a vida.

6.2 Canais de comunicação

Veículos de comunicação

- Post no Instagram da Casa de Cultura
- Agenda mensal da Casa de Cultura
- Redes sociais das Casas de Cultura (para divulgação do vídeo)
- Divulgação da exposição em páginas do Instagram e grupos do Facebook sobre o bairro.
- Divulgação em associações de bairro, coletivos e escolas.
- Distribuição em estações de metrô e pontos de ônibus (para o marca páginas)
- Banner físico na Casa de Cultura

6.2.1 Post na rede social da “casa de cultura”

Como o objetivo da mostra itinerante parte da curadoria colaborativa, a equipe optou por utilizar a rede social de uso frequente da “Casa de Cultura” para essa divulgação. Vai ser postado no Instagram da casa cultural, onde a mostra estiver no momento, as informações da exposição convidando o público a visitar a mostra. O post vai ser divulgado junto a agenda do mês da casa de cultura, assim como a oficina.

Figura 9: Post do Instagram de divulgação



Fonte: produzido pelo grupo

6.2.2 Post nos grupos de Facebook e Instagram do bairro

Os posts em grupos de Facebook e em páginas do Instagram seria uma outra forma de divulgação que tem o objetivo de alcançar pessoas do bairro que não conhecem ou não acompanham as ações das Casas de Cultura. Para a primeira exposição, feita na Casa de Cultura Raul Seixas em Itaquera, pensamos no grupo Amigos de Itaquera, no Facebook, que tem um bom alcance de 3,2 mil membros, além de divulgar eventos culturais. Também pensando em divulgar a exposição na página de instagram @itaqueraunida que tem 198 mil seguidores.

6.2.3 Divulgação entre coletivos, escolas e associações de bairro

Também pensamos em uma parceria com coletivos e associações de bairro tanto para divulgação da exposição, quanto para a divulgação do grupo de curadoria coletiva. Esses três grupos seriam importantes para existir uma diversidade de idade dos participantes do grupo de curadoria e para visitar a exposição. No caso dos coletivos e das associações são pessoas envolvidas com o bairro e com chance de interesse em participar de uma exposição que pretende mostrar a importância desses lugares. Em relação às escolas seria uma importante participação tanto por uma oportunidade de aprendizado, como por ser uma forma de envolver os jovens na memória e importância do bairro.

Sendo Itaquera o primeiro bairro da exposição, foi pensado no Fórum Social da Zona Leste, que reúne entidades e movimentos da região, e a associação ABC Aurora, fundada em 1996 com o objetivo de promover uma melhoria da qualidade de vida dos moradores e hoje cuida principalmente de crianças e adolescentes.

6.3 Produtos Gráficos

- Postagem digital (arte + texto para Instagram)
- Vídeo narrativo sensorial sobre as memórias coletadas
- Marca-páginas com identidade visual, paleta de cores e QR Code
- Banner impresso com informações da exposição

6.3.1 Vídeo narrativo

O vídeo é concebido como uma narrativa sensorial, em que a voz e a imagem se entrelaçam para construir um retrato coletivo das memórias partilhadas. Nele, as pessoas que contribuíram com fotos de cartas, bilhetes ou documentos emprestam suas vozes à lembrança, enquanto as imagens dos objetos aparecem na tela: cartas sendo abertas, papéis amarelados, fotografias desfocadas. O som da fala, pausado e íntimo, aproxima o espectador da experiência de quem relembra. O vídeo será divulgado nas redes sociais das Casas de Cultura durante o período de exibição da mostra, funcionando como extensão da exposição física. Ele convida o público virtual a se reconhecer nas histórias alheias e a participar do envio de novas memórias.

6.3.2 Marca página

O marca-páginas é o elemento central da estratégia de difusão do projeto e materializa, de forma poética e simbólica, o conceito de “lembrança que viaja”. Ele será distribuído nas estações de metrô e pontos de ônibus próximos às Casas de Cultura a cada nova itinerância, acompanhando o percurso da mostra e levando consigo um fragmento do projeto para além dos muros institucionais. Mais do que um material de divulgação, o marca-páginas é pensado como objeto de afeto, um pequeno relicário de papel que o público pode guardar, escrever, enviar ou simplesmente deixar entre as páginas de um livro. De um lado, ele apresenta o logotipo da exposição, o nome da Casa de Cultura que está recebendo a mostra e a identidade visual construída a partir da tipografia Lumios Typewriter Tape (no título) e Arial (no corpo de texto), estabelecendo um contraste entre a escrita sensível e a leitura funcional. Essa combinação reforça o diálogo entre emoção e clareza; entre o gesto e a palavra.

A paleta segue as mesmas tonalidades terrosas da expografia (verde pinus, bege e marrom), com detalhes em branco e preto que evocam contraste e tempo. Cada edição do marca-páginas trará também o QR Code para o formulário de envio

de memórias, reforçando a ideia de participação e coautoria. Assim, o objeto se torna também um elo entre o digital e o material, o efêmero e o permanente, um convite silencioso para que o público faça parte da mostra.

Figura 10: Marca-página



Fonte: produzido pelo grupo

6.3.3 Banner Institucional: Convite ao Encontro

O banner é o primeiro contato físico do público com a mostra. Ele será instalado na fachada das Casas de Cultura Raul Seixas, São Mateus, Guaianases e Hip Hop Leste, funcionando como um convite visual à experiência afetiva proposta pela mostra. Seu design privilegia a simplicidade e a leitura direta, destacando o nome “Coração de Papel - Memórias das Lestes” com a tipografia Lumios Typewriter Tape, escolhida por remeter à estética das máquinas de escrever, símbolo da escrita manual e das mensagens que atravessam o tempo. A textura levemente irregular das letras evoca o toque humano, o gesto imperfeito, a presença de quem escreve. O fundo em tons terrosos com sutis nuances de verde e bege, reforça a materialidade

do papel e dialoga com a paleta expográfica da mostra. Esses tons transmitem a ideia de tempo, memória e acolhimento, criando um ambiente visual que convida o visitante a olhar para dentro de si, como quem abre uma gaveta antiga e reencontra lembranças guardadas. O banner cumpre, assim, uma dupla função: identificar o espaço expositivo e anunciar a chegada da mostra como um acontecimento comunitário, capaz de unir o território pela memória.

Figura 12: Figura banner de divulgação do projeto para coletar as memórias



Fonte: produzido pelo grupo

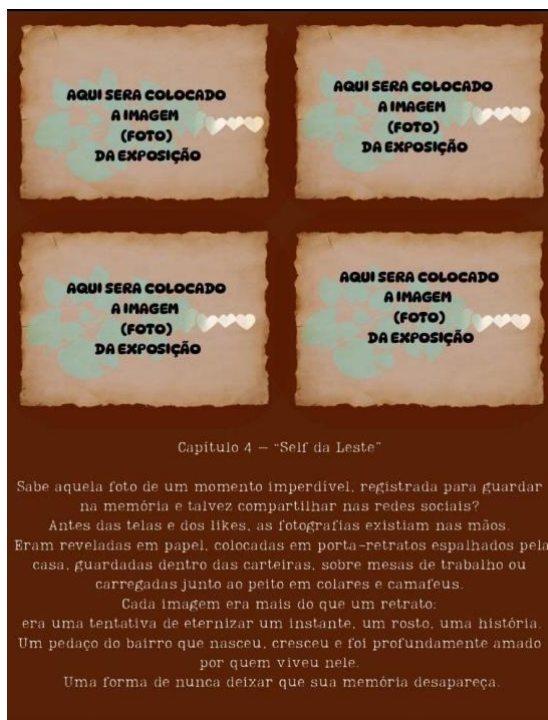
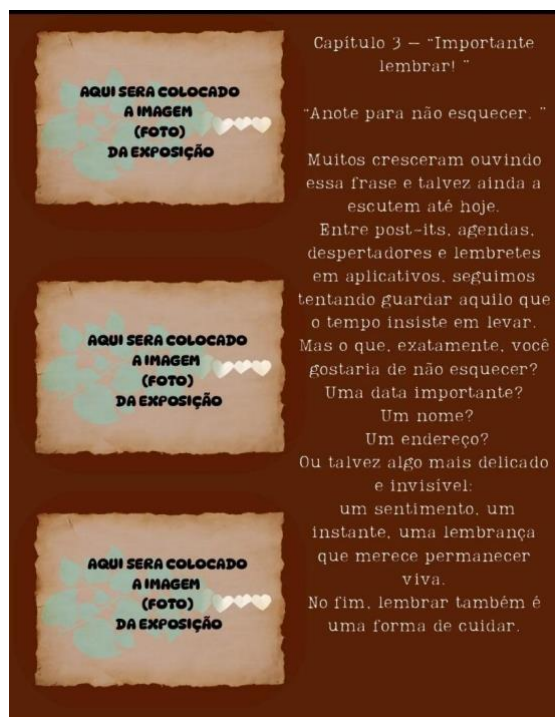
6.3.4 Caderno Educativo

O caderno educativo é um material complementar à exposição Coração de Papel - Memórias das Lestes, desenvolvido com o objetivo de ampliar as possibilidades de reflexão e aprendizagem a partir dos temas abordados pela mostra. O material reúne conteúdos relacionados à memória, identidade, pertencimento e patrimônio, propondo atividades que incentivam a observação do território e a valorização das histórias locais.

Disponibilizado em formato digital e físico, o caderno busca atender estudantes, educadores, famílias e visitantes em geral, funcionando como uma extensão da experiência expositiva. Além de apoiar ações educativas realizadas pelas Casas de Cultura, o material contribui para a preservação e difusão das narrativas construídas durante a itinerância, fortalecendo o vínculo entre comunidade, memória e patrimônio cultural.

Figura 13: Caderno educativo







6.3.5 Folder Educativo "Meu Bairro, Seu Bairro"

O folder educativo Meu Bairro, Seu Bairro foi desenvolvido como material de apoio para a atividade educativa Caminhada Fotográfica: Um Bairro, Muitas Memórias. Produzido em formato dobrável, o material acompanha os participantes durante o percurso realizado pelo território, servindo como guia para observação, registro e reflexão sobre as memórias presentes no bairro.

O folder apresenta um mapa simplificado do trajeto, imagens de referência dos locais visitados e espaços destinados a anotações, desenhos e registros fotográficos realizados pelos participantes. A proposta busca estimular a percepção das transformações ocorridas no território ao longo do tempo, incentivando a comparação entre passado e presente a partir das narrativas compartilhadas pelos moradores e mediadores da atividade.

Além de orientar o percurso, o material funciona como um registro pessoal da experiência, permitindo que cada participante construa sua própria narrativa sobre o bairro. Dessa forma, o folder amplia os objetivos da exposição ao incentivar o reconhecimento do território como espaço de memória, identidade e pertencimento, fortalecendo os laços entre comunidade e patrimônio cultural.

Figura 14: Folder educativo



Fonte: produzido pelo grupo

6.4 Acessibilidade

A comunicação e a mediação da exposição “Coração de Papel - Memórias das Lestes” vão ser concebidas com base nos princípios da inclusão, acessibilidade e participação social, garantindo que o acesso ao conteúdo e às experiências propostas ocorra de maneira ampla, democrática e sensível às diferentes realidades do público.

A acessibilidade é tratada como parte essencial da curadoria e não apenas como um recurso técnico. O projeto considera a acessibilidade como linguagem, isto é, como modo de comunicação entre corpos, histórias e mundos diversos.

6.4.1 Captação de acervo por whatsapp

Os moradores que desejarem enviar seus acervos também terão a opção de fazê-lo pelo WhatsApp, como uma medida inclusiva voltada àqueles que não têm acesso a um computador ou não estão habituados ao seu uso. Além disso, será possível realizar o envio integral do conteúdo por meio de áudios.

6.4.2 Oficina de educativo com intérprete de libras

A atividade de cartões postais, que será realizada após a exposição, contará com o apoio de um intérprete de Libras. Esse profissional auxiliará tanto visitantes surdos quanto pessoas que necessitem de apoio na escrita das cartas, incluindo indivíduos analfabetos ou cegos. Assim como os mediadores serão orientados a sempre falar em voz alta e clara para todos os presentes.

6.4.1 Escada para pessoas de baixa estatura

A exposição contará com uma escada adaptada (removível), garantindo acesso confortável ao conteúdo para pessoas de baixa estatura, incluindo também as crianças que estiverem visitando o espaço.

As ações também incluem:

- Audiodescrição das fotografias e dos textos expositivos;
- Legendas ampliadas e alto contraste de cores nos painéis e materiais gráficos;

- Educadores e mediadores que utilizem libras;
- Interpretação em Libras nas aberturas e atividades educativas;
- Auxílio nas atividades do educativo;
- Legendas em braile;
- Lupa para auxílio na leitura

7 EXPOGRAFIA

7.1 Conceito Curatorial

Como referência estética e conceitual para o desenvolvimento de *Coração de Papel – Memórias das Lestes*, destaca-se a exposição *Cidadela*, da artista Maria Ezou⁸, apresentada na CAIXA Cultural São Paulo. A mostra reúne obras que exploram paisagens imaginárias, arquiteturas simbólicas e as relações entre corpo, território e memória, por meio de instalações e ambientes imersivos que estimulam reflexões sobre pertencimento, identidade e experiência urbana.

A exposição dialoga com a proposta de *Coração de Papel – Memórias das Lestes* ao compreender o espaço expositivo como ambiente sensível de construção de narrativas afetivas e coletivas. Assim como em *Cidadela*, o projeto busca criar experiências que aproximem o público das memórias e vivências presentes nos territórios periféricos, utilizando a expografia e os elementos visuais como instrumentos de ativação da memória, da escuta e do reconhecimento comunitário.

Figura 15: Casa-corpo exposição Cidadela

⁸ **Maria Ezou é uma artista visual contemporânea** cuja produção explora a relação entre corpo, espaço e memória, criando paisagens simbólicas e instalações que investigam modos de habitar o mundo. Sua obra se caracteriza pelo diálogo entre arquitetura, natureza e imaginação, levando o público a refletir sobre deslocamentos, pertencimento e experiências sensoriais.



Fonte: CAIXA Notícias, 2025.

Figura 16: Exposição Cidadela



Fonte: CAIXA Notícias, 2025.

A referência às casas de taipa na expografia estabelece um diálogo simbólico com as moradias presentes em comunidades periféricas que, muitas vezes, permanecem sem reboco e em constante processo de construção. Ambas

representam arquiteturas marcadas pela autoconstrução, pela adaptação dos materiais disponíveis e pela participação coletiva dos moradores na produção do espaço doméstico e comunitário.

Nesse sentido, a proposta expográfica busca aproximar as texturas terrosas e as estruturas aparentes das casas de taipa das estéticas urbanas encontradas nas periferias contemporâneas, onde tijolos expostos, paredes inacabadas e materiais improvisados fazem parte da paisagem cotidiana. Essa relação não pretende associar essas arquiteturas à precariedade de forma estigmatizada, mas reconhecê-las como expressões materiais de resistência, permanência, memória e construção afetiva do território.

Figura 17: Referências visuais



Ao incorporar essas referências visuais, a exposição busca criar um ambiente que dialogue diretamente com as experiências e vivências do público, valorizando elementos arquitetônicos frequentemente invisibilizados ou associados apenas à ausência e à carência. Assim, as estruturas expográficas tornam-se também dispositivos de reconhecimento e pertencimento, aproximando o espaço expositivo das realidades materiais e simbólicas das comunidades participantes.

Figura 18: Referências visuais



Outra importante referência para a construção expográfica e conceitual de *Coração de Papel – Memórias das Lestes* são os bares localizados em bairros periféricos e comunidades urbanas que, ao longo dos anos, acumulam fotografias de diferentes épocas do território, de antigos frequentadores, festas, times de futebol de várzea, famílias e transformações do entorno. Esses espaços acabam constituindo, de maneira espontânea, uma espécie de museu social e afetivo do cotidiano comunitário.

Esses estabelecimentos, mais do que simples pontos comerciais, funcionam como espaços de sociabilidade e preservação simbólica, onde as experiências cotidianas ganham permanência através das narrativas, fotografias, objetos e lembranças acumuladas ao longo do tempo. (MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2004, p. 176).

As paredes repletas de imagens, bilhetes, recortes e objetos pessoais transformam esses estabelecimentos em lugares de memória, convivência e reconhecimento coletivo, onde as narrativas da comunidade permanecem visíveis e acessíveis aos moradores. Mais do que elementos decorativos, essas fotografias funcionam como registros vivos das relações sociais, das trajetórias individuais e das transformações urbanas do território.

Figura 19: Referências visuais



“Assim, os bares, cafés e pequenos restaurantes de bairro revelam-se importantes suportes da memória coletiva urbana.” (MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO, 2004, p. 176).

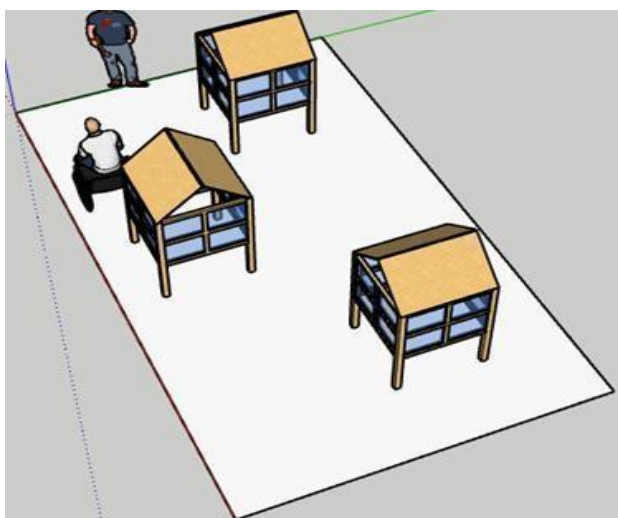
A proposta expográfica também busca valorizar processos sustentáveis e comunitários, priorizando materiais acessíveis, reutilizáveis e de baixo custo, além da participação de moradores e trabalhadores locais na construção dos dispositivos da mostra. Dessa forma, o espaço expositivo torna-se não apenas suporte para apresentação das obras e narrativas, mas também parte integrante do discurso curatorial, reafirmando o caráter coletivo, territorial e afetivo da exposição.

Em diálogo com a proposta de curadoria colaborativa, a expografia será adaptável aos diferentes espaços das Casas de Cultura participantes, permitindo que cada território incorpore novos elementos, objetos e referências visuais ao longo da itinerância. Assim, a exposição assume caráter processual e vivo, acompanhando as transformações das memórias e das relações construídas em cada etapa do percurso.

7.2 Projeto expográfico

O projeto expográfico toma como metáfora central a casa, símbolo de abrigo, origem e pertencimento. Na mostra, a casa é o território expositivo, o que há dentro dela são as histórias das pessoas e para acessar essas histórias é preciso olhar para dentro dessa “casa”, através das janelas abertas.

Figura 20: Vista de cima da exposição



Fonte: Produzido pelo grupo no SketchUp

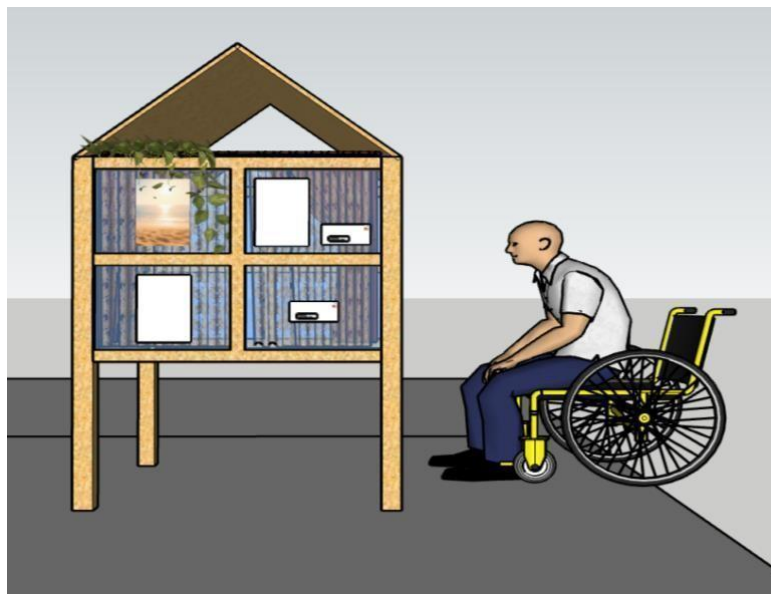
As imagens são apresentadas pelas janelas, convidando o visitante a olhar de fora para dentro, como quem contempla a intimidade de um lar e, ao mesmo tempo, reconhece algo de si no cotidiano do outro.

O projeto expográfico é composto por suportes estruturais em formato de pequenas casas, nos quais as fotografias e narrativas são apresentadas nas áreas correspondentes às janelas. A escolha desse formato busca criar um ambiente que remete simbolicamente a um bairro, onde cada casa representa um núcleo de memórias e experiências.

Essa organização espacial contribui para estabelecer uma relação mais próxima entre visitante e conteúdo exposto. Ao observar as fotografias através dessas janelas, o visitante é convidado a acessar fragmentos de histórias e experiências

individuais, estabelecendo uma relação de reconhecimento e identificação com o cotidiano retratado.

Figura 21: Vista da estrutura da casa com foco nas janelas com fotos e histórias



Fonte: Produzido pelo grupo no SketchUp

Figura 22: vista da lateral da casa/mobiliário



Fonte: Produzido pelo grupo no SketchUp

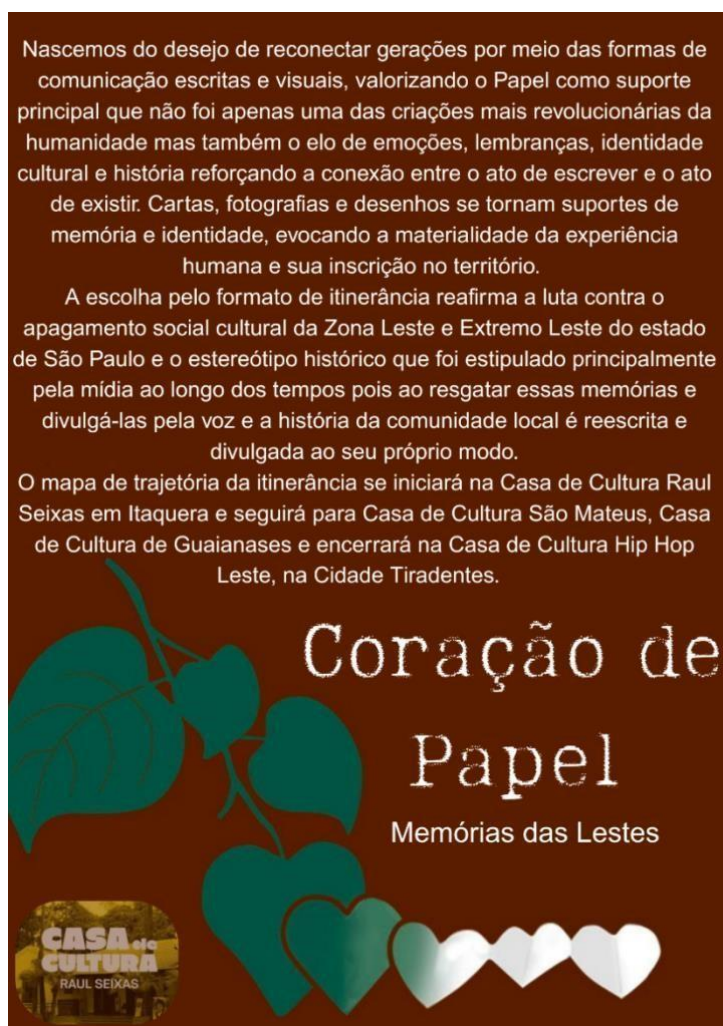
A expografia foi concebida com características leves, modulares e itinerantes. Os suportes são produzidos em painéis de MDF desmontável, com janelas de acrílico

que simulam vidro. Essa solução técnica facilita o transporte e a montagem da exposição em diferentes espaços culturais, como as Casas de Cultura.

Outra característica do projeto é a independência em relação às paredes do espaço expositivo. As estruturas são autoportantes, permitindo maior flexibilidade na montagem e adaptação da exposição aos diferentes ambientes que irão recebê-la.

Além das estruturas principais, o projeto inclui um banner de abertura com informações introdutórias sobre a exposição e uma mesa desmontável destinada às atividades educativas. Nessa mesa, os visitantes poderão participar de uma atividade de escrita de cartões postais, estimulando a produção de novas memórias e relatos.

Figura 23: Texto de abertura da exposição



Fonte: Produzido pelo grupo

7.3 Acessibilidade expográfica

A acessibilidade foi considerada como um aspecto fundamental no planejamento da expografia. A disposição das estruturas em formato de casa foi organizada de modo a garantir circulação ampla entre os módulos, permitindo que visitantes possam se aproximar das obras com conforto e autonomia.

A altura das imagens e textos também foi pensada para facilitar a leitura e a observação por diferentes públicos. Dessa forma, o projeto busca proporcionar uma experiência acessível e inclusiva, respeitando diferentes ritmos de visitação e formas de interação com o conteúdo exposto.

Figura 24: disposição geral da expografia



Fonte: produzido pelo grupo no SketchUp

A exposição contará com uma escada adaptada e removível, desenvolvida para garantir maior acessibilidade e conforto na interação com o conteúdo expositivo por pessoas de baixa estatura, incluindo crianças visitantes. O recurso busca ampliar as possibilidades de participação e fruição do espaço, promovendo uma experiência mais inclusiva e acessível para diferentes públicos e faixas etárias.

8 PROJETO EDUCATIVO

8.1 Projeto Educacional

O projeto educacional da exposição Coração de Papel - Memórias das Lestes tem como finalidade estabelecer um processo de mediação cultural entre o público e a proposta curatorial da mostra, promovendo reflexões sobre memória, identidade e

pertencimento territorial a partir das linguagens da escrita e da imagem. Nesse sentido, o educativo é concebido não apenas como um complemento à exposição, mas como parte estruturante da experiência museológica, atuando na construção de sentidos e no fortalecimento do vínculo entre comunidade e patrimônio.

A proposta fundamenta-se em abordagens participativas da museologia contemporânea, que compreendem o público como sujeito ativo na produção de conhecimento e não apenas como receptor de conteúdos. A partir das contribuições de autores como Mário Chagas, ao discutir uma museologia voltada ao sensível, e Ecléa Bosi, ao tratar a memória como construção social e afetiva, o projeto reconhece as experiências cotidianas e as narrativas individuais como elementos constitutivos do patrimônio cultural coletivo.

Dessa forma, as ações educativas são pensadas como espaços de escuta, troca e criação, nos quais os participantes são incentivados a compartilhar suas próprias histórias e a reconhecer o valor de suas vivências. A exposição, ao trabalhar com memórias registradas em papel como cartas, bilhetes e fotografias, oferece um ponto de partida para que o público reflita sobre suas próprias formas de registro e comunicação, estabelecendo conexões entre passado e presente.

Além disso, o projeto educacional busca estimular o diálogo intergeracional, promovendo o encontro entre diferentes faixas etárias e repertórios culturais. Ao valorizar a memória como prática social, o educativo contribui para o fortalecimento do sentimento de pertencimento e para a construção de uma relação mais próxima entre os indivíduos e seus territórios.

Assim, o educativo se configura como um espaço de mediação ativa, no qual a experiência expositiva se amplia por meio da participação do público, da partilha de narrativas e da construção coletiva de significados.

8.2 Público-alvo

O projeto educacional da exposição é direcionado a um público diverso, com ênfase nos moradores da Zona Leste e do Extremo Leste de São Paulo, especialmente aqueles que frequentam as Casas de Cultura participantes da itinerância. Entre os principais públicos contemplados, destacam-se:

- Moradores da Zona Leste e Extremo Leste de São Paulo
- Frequentadores das Casas de Cultura participantes
- Estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública
- Educadores e agentes culturais do território
- Idosos e grupos vinculados à memória
- Famílias e visitantes espontâneos que circulam pelos espaços culturais

Essa diversidade é compreendida como elemento central para o desenvolvimento das ações educativas, pois possibilita o encontro entre diferentes experiências, repertórios e gerações. O projeto reconhece o potencial desses públicos como produtores de memória e agentes ativos na construção de narrativas sobre o território.

As atividades são planejadas de modo a acolher diferentes perfis, considerando suas especificidades, formas de participação e modos de interação com a exposição. Ao estimular o diálogo intergeracional e comunitário, o educativo busca fortalecer vínculos entre os participantes e valorizar as histórias locais, contribuindo para a construção de um espaço cultural mais inclusivo, representativo e participativo.

8.3 Ações Educativas

8.3.1 Fundamentação e Conceitos

- Com base no conceito de mediação cultural - entendida como o conjunto de práticas que promovem o diálogo entre o público e os conteúdos apresentados em exposições, ampliando as possibilidades de interpretação e participação

(DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013) - foram planejadas as ações educativas que acompanham a exposição Coração de Papel - Memórias das Lestes. Essas atividades incluem uma oficina de fotografia, uma oficina de produção de cartões postais e a elaboração de um caderno educativo, concebidas a partir da compreensão de que educar é também um ato de escuta, partilha e reconstrução da memória coletiva.

- Em cada encontro, o público é convidado a revisitar lembranças, observar o entorno e registrar suas vivências, reconhecendo-se como sujeito ativo na produção de memória e cultura. O educativo, nesse sentido, funciona como elo entre o conteúdo expográfico e a vida da comunidade, aproximando arte, território e identidade.
- A escolha pelas linguagens da fotografia, da escrita e do papel ancora-se na materialidade do gesto: segurar, escrever, colar ou fotografar tornam-se meios de reinscrever a própria história no mundo. Assim, o educativo do projeto nasce como continuidade viva da exposição, pois é no encontro com o público que a proposta ganha corpo, sentido e permanência.
- Essas ações resultam de escutas sociais e afetivas realizadas ao longo da concepção, evidenciando que formação estética e memória comunitária podem caminhar juntas na construção de um fazer cultural mais humano, plural e sensível.

8.3.2 Atividades Educativas

Oficina de Cartão Postal: “Palavras que Caminham e Encaminham”

- A segunda ação educativa propõe a criação de cartões postais artesanais, conectando o gesto da escrita à prática da memória e à comunicação afetiva. Inspirada na oficina “DePara”⁹ do museu da língua portuguesa e nos antigos

⁹ O projeto **Oficina DePara**, do Museu da Língua Portuguesa, consiste em rodas de escrita de cartas usando trechos literários (como de Clarice Lispector) para resgatar memórias e vínculos afetivos. A

modos de enviar mensagens e lembranças, a atividade convida o público a refletir sobre o papel do papel como suporte simbólico de trocas humanas e registros pessoais.

- Durante a oficina, os participantes produzem seus próprios postais utilizando papéis variados, colagens, fotografias e pequenas narrativas escritas à mão. Cada pessoa é estimulada a expressar um afeto, lembrança ou desejo, podendo dedicar o cartão a alguém ou a um momento significativo de sua vida.
- A proposta educativa trabalha com o conceito de “comunicar-se pela presença do gesto”, explorando o caráter material e sensível da escrita manual. Mais do que uma oficina artística, é uma experiência de reconexão com o tempo e com a palavra: um exercício de auto escuta e partilha.
- Os postais produzidos nesta atividade têm um papel central na constituição da mostra: eles compõem o único acervo fixo do projeto, uma vez que as demais imagens e registros da exposição são renovados a cada itinerância.
- Os cartões doados pelos participantes serão pendurados em varais expositivos, acompanhando a mostra em suas futuras apresentações, como fragmentos de memória coletiva que viajam de casa em casa, de bairro em bairro.
- Ao mesmo tempo, os participantes são convidados a produzir dois cartões: um para ser doado ao acervo da exposição e outro para ser enviado a alguém, mantendo viva a essência do postal como meio de afeto e circulação de lembranças. Essa possibilidade de escolha reforça a autonomia do público e o caráter simbólico da partilha entre o que se guarda e o que se oferece.

atividade é realizada no entorno do museu (inclusive na calçada), envolve leitura, máquina de escrever e escrita à mão, e convida os participantes a enviar as cartas pelos Correios.

8.4 Estratégias de Mediação

As estratégias de mediação do projeto fundamentam-se em metodologias participativas, nas quais o diálogo e a escuta ativa são centrais para a experiência educativa. A mediação é compreendida como um processo de construção compartilhada de sentidos, em que o público é convidado a interpretar, questionar e relacionar os conteúdos da exposição com suas próprias vivências.

Entre as principais estratégias destacam-se:

- Mediação dialógica: orienta as interações entre educadores e visitantes por meio de perguntas abertas, estímulos à observação e convites ao compartilhamento de memórias pessoais, rompendo com modelos expositivos centrados na transmissão unilateral de informações.
- Aprendizagem pela experiência: desenvolvida em oficinas e atividades práticas, nas quais os participantes manipulam materiais, produzem imagens ou escrevem narrativas, incorporando a experiência expositiva ao seu repertório pessoal e cultural.
- Produção colaborativa de conteúdo: as memórias e registros enviados pelo público integram o acervo da exposição, reforçando o papel do visitante como coautor do projeto e ampliando seu envolvimento.
- Valorização da escuta ativa: orienta todas as ações educativas, reconhecendo o espaço expositivo como lugar de troca, acolhimento e reconhecimento de diferentes narrativas.

Essas estratégias buscam criar um ambiente inclusivo, acolhedor e participativo, no qual o público se reconhece como parte do processo cultural e da construção coletiva da memória e do território.

8.5 Atividades Educativas

As atividades educativas da exposição buscam ampliar o diálogo entre o público e as narrativas apresentadas, incentivando a participação ativa dos visitantes na construção de significados sobre memória, identidade e pertencimento territorial.

8.5.1 Visitas Mediadas

As visitas mediadas serão realizadas com grupos escolares, coletivos culturais e visitantes espontâneos. Durante o percurso expositivo, os mediadores estimulam o diálogo com o público por meio de perguntas abertas, relatos de experiências e observação das imagens expostas.

A proposta é incentivar os participantes a refletirem sobre suas próprias memórias registradas em papel, como cartas, bilhetes, fotografias e anotações, relacionando essas experiências pessoais ao conteúdo da exposição.

8.5.2 Caminhada Fotográfica: Um Bairro, Muitas Memórias

A atividade “Um Bairro, Muitas Memórias” foi concebida como uma ação educativa de encerramento da experiência expositiva, buscando ampliar as reflexões desenvolvidas ao longo da visita e fortalecer a relação entre memória, território e pertencimento. A proposta parte do princípio de que um mesmo espaço pode ser vivido, lembrado e significado de diferentes formas por seus moradores, revelando múltiplas narrativas sobre um mesmo lugar. A atividade consiste em uma caminhada fotográfica realizada pelos arredores da Casa de Cultura e por locais apresentados na exposição ou mencionados nas memórias compartilhadas pelos participantes.

Durante o percurso, os visitantes terão a oportunidade de conhecer espaços que fazem parte da história do bairro e de refletir sobre as transformações ocorridas ao longo do tempo, observando permanências, mudanças urbanas e diferentes formas de ocupação do território. Diferentemente de uma visita guiada tradicional, a proposta valoriza a participação dos moradores envolvidos na curadoria colaborativa do projeto, que atuarão como mediadores das memórias locais. Ao longo da caminhada, esses participantes poderão compartilhar relatos, lembranças, experiências e histórias relacionadas aos espaços visitados, contribuindo para a construção de uma narrativa coletiva sobre o bairro. Dessa forma, a atividade reconhece os moradores como detentores de conhecimentos fundamentais para a compreensão do território e fortalece seu papel como protagonistas na produção e circulação da memória. A caminhada também incorpora a fotografia como instrumento de observação e registro.

Os participantes serão convidados a fotografar os locais visitados, estabelecendo diálogos entre as imagens presentes na exposição e a paisagem atual do bairro. O objetivo não é apenas produzir fotografias, mas estimular um olhar atento para as marcas do tempo, para as transformações do espaço urbano e para as histórias que permanecem vivas na memória da comunidade. Como material de apoio (anexo 11), cada participante receberá um folder dobrável da atividade, contendo informações sobre o percurso, imagens de referência e espaços destinados a anotações e observações pessoais. Esse material funcionará como um registro da experiência, permitindo que cada visitante construa sua própria leitura do território a partir das memórias compartilhadas durante a caminhada. Ao promover o encontro entre fotografias, relatos e experiências vividas, a atividade busca estimular a valorização das histórias locais, fortalecer o sentimento de pertencimento e incentivar uma compreensão mais sensível do território. Assim, a caminhada transforma o próprio bairro em espaço educativo, evidenciando que a memória coletiva é construída por múltiplos olhares e que cada pessoa contribui para a história do lugar onde vive.

8.5.3 Oficina de Cartão Postal

A oficina de cartões postais propõe a criação de mensagens escritas e visuais que expressam memórias, afetos e histórias pessoais. Utilizando colagem, fotografia e escrita manual, os participantes produzem cartões que podem ser dedicados a alguém ou a um momento significativo de suas vidas.

Parte dos cartões poderá integrar o acervo da exposição, acompanhando as futuras itinerâncias da mostra como fragmentos de memória coletiva.

Esses materiais têm como objetivo estimular a continuidade das reflexões propostas pela exposição e possibilitar que educadores e visitantes desenvolvam novas atividades a partir da experiência expositiva.

8.6 Acessibilidade Educativa

O plano educacional considera a acessibilidade como um elemento fundamental para garantir a participação de diferentes públicos nas atividades da exposição. Mais do que assegurar o acesso físico ao espaço expositivo, a proposta busca promover condições para que todos os visitantes possam participar das ações educativas de forma autônoma, significativa e acolhedora. Nesse sentido, a acessibilidade é compreendida como um princípio transversal ao projeto educativo, orientando a construção de estratégias que respeitem a diversidade de experiências, necessidades e formas de aprendizagem dos participantes.

Considerando o caráter comunitário e participativo da exposição Coração de Papel - Memórias das Lestes, as ações educativas foram planejadas para atender públicos de diferentes faixas etárias, níveis de escolaridade e condições de acessibilidade. Durante as visitas mediadas, os educadores utilizarão linguagem clara e acessível, adaptando a abordagem de acordo com o perfil de cada grupo. A mediação priorizará o diálogo, a escuta e a troca de experiências, permitindo que os

participantes estabeleçam relações entre os conteúdos da exposição e suas próprias memórias e vivências.

Nas atividades práticas, especialmente na oficina de cartões postais e nas demais ações educativas, serão disponibilizados recursos de apoio para ampliar a participação dos visitantes. Pessoas com dificuldades de leitura ou escrita poderão contar com o auxílio da equipe educativa para registrar suas mensagens, relatos e memórias. As atividades também contarão com intérprete de Libras, garantindo a participação de visitantes surdos e ampliando as possibilidades de comunicação e interação durante as ações propostas. Os conteúdos visuais da exposição e dos materiais educativos serão acompanhados por recursos que favoreçam a acessibilidade comunicacional, incluindo textos com fonte ampliada, contraste adequado entre texto e fundo, audiodescrição das fotografias e dos principais conteúdos expositivos, além de legendas em braile nos materiais de apoio. Também serão disponibilizadas lupas para auxiliar visitantes com baixa visão durante a leitura dos conteúdos apresentados. Além dos recursos técnicos, o projeto valoriza uma acessibilidade baseada no acolhimento e na escuta sensível. Para isso, a equipe educativa receberá orientações sobre atendimento inclusivo, comunicação acessível e respeito às diferentes formas de participação do público. Dessa forma, busca-se garantir que a experiência educativa da exposição seja construída a partir do reconhecimento das singularidades de cada visitante, fortalecendo o sentimento de pertencimento, a valorização das memórias individuais e o direito de todos ao acesso à cultura, à educação e ao patrimônio.

Assim, a acessibilidade educativa não é compreendida apenas como um conjunto de adaptações, mas como uma prática de inclusão que amplia as possibilidades de participação, diálogo e construção coletiva de significados, em consonância com os princípios de uma museologia social, participativa e voltada para a diversidade dos públicos.

8.7 Avaliação das Ações Educativas

A avaliação das ações educativas será realizada de forma qualitativa, considerando a participação do público nas atividades e as interações observadas durante as mediações.

Serão utilizados os seguintes instrumentos:

- Observação da participação do público durante visitas mediadas e oficinas.
- Registro fotográfico e descritivo das atividades educativas.
- Coleta de depoimentos espontâneos dos participantes.
- Análise do material produzido nas oficinas.

Esses registros contribuirão para o aprimoramento das futuras itinerâncias da exposição e para o desenvolvimento de novas estratégias de mediação cultural.

9.MATERIAL EDUCATIVO

Como suporte às atividades educativas, serão desenvolvidos materiais que auxiliem a mediação e ampliem o diálogo com o público.

Entre os principais materiais estão:

- Caderno educativo, elaborado a partir das memórias enviadas pelo público em cada etapa da itinerância da exposição.
- Cartões postais produzidos nas oficinas, que podem ser levados pelos participantes ou incorporados ao acervo da mostra.

9.1 Caderno Educativo: “Memórias que se Criam”

O caderno educativo do projeto *Coração de Papel – Memórias das Lestes* é concebido como uma extensão sensível da exposição, um instrumento de reflexão e continuidade das experiências vividas durante o processo expositivo e nas ações

educativas. Mais do que um material de apoio, ele se constitui como um registro vivo do percurso coletivo da mostra, reunindo fragmentos das memórias compartilhadas pelos participantes em cada itinerância.

Ao contrário de materiais educativos geralmente produzidos antes da abertura de uma exposição, o caderno é elaborado apenas na penúltima semana de cada montagem itinerante, quando o público já enviou suas fotografias de cartas, bilhetes, desenhos e outros registros em papel.

Essa escolha metodológica é intencional: o caderno só existe depois que a comunidade se reconhece dentro da mostra, assim, ele reflete o acervo afetivo de cada território e reafirma a ideia de que a exposição só acontece com e através das pessoas.

A cada nova Casa de Cultura visitada, será criado um novo caderno, sempre a partir das imagens e relatos coletados naquele território, dessa forma, cada edição se torna um documento único de memória local: preservando as singularidades das histórias que compõem o projeto.

O caderno reúne propostas de atividades inspiradas nas linguagens da fotografia e da escrita, incentivando o registro das memórias e percepções do público em forma de texto, colagem, desenho ou anotações livres. Ele atua como uma ferramenta de mediação educativa e cultural, apoiando educadores e agentes locais no desenvolvimento de atividades que aproximem a comunidade dos temas da mostra.

Mais do que propor oficinas, o programa educativo se estrutura como um processo contínuo de diálogo entre comunidade, território e linguagem artística, em que o aprendizado se constrói por meio das experiências afetivas e das narrativas compartilhadas.

9.2 Divulgação de caderno educativo

A divulgação do Caderno Educativo será realizada por meio de uma roda de conversa com educadores do território da Casa de Cultura Raul Seixas, em Itaquera. O encontro reunirá professores atuantes e aposentados da região, reconhecendo-os como guardiões das memórias e das histórias locais.

A proposta parte da ideia de que ninguém conhece melhor um território do que quem o educa e que, entre lembranças e trajetórias cruzadas, é possível revisitar vínculos afetivos e reconhecer continuidades geracionais: *“estudamos juntos e hoje dou aula para o seu neto”, “sua mãe foi minha professora e agora é diretora”, “lembra quando estudávamos na escola do bairro?”*

Mais do que apresentar o caderno, a roda de conversa pretende ativar essas memórias vivas, criando um espaço de escuta e diálogo entre educadores que ajudaram (e ajudam) a formar a identidade do bairro. Durante o encontro, será apresentado o processo de criação do material e suas possibilidades de uso em sala de aula ou em projetos independentes.

Cada participante receberá uma versão impressa do caderno, e uma versão digital será disponibilizada nas redes sociais e canais de comunicação da Casa de Cultura.

Essa ação não se limita à divulgação: ela reafirma o caráter afetivo e colaborativo do projeto *Coração de Papel - Memórias das Lestes*, fortalecendo o vínculo entre arte, memória e educação, e reconhecendo o educador como parte essencial do acervo vivo de histórias do território.

10 AVALIAÇÃO DE PÚBLICO

10.1 Levantamento de dados

A pesquisa vai possibilitar descobrir se os moradores se sentem representados pela exposição, se o local escolhido facilitou o acesso, se os meios de divulgação chegaram

até os visitantes e quais foram mais eficazes, o nível de satisfação com o projeto e o que pode ser ajustado na itinerância, além de formatos para testar no futuro.

10.2 Público alvo da pesquisa

Moradores dos bairros, por onde a exposição itinerante passar, que visitarem a exposição.

10.3 Duração

- A pesquisa será realizada durante o período em que a exposição estiver em funcionamento.
- O morador será convidado a participar da pesquisa no fim da visita.

10.4 Método – Escala Likert

Por se tratar de um público diverso em faixa etária, escolaridade e aspectos socioculturais, um método em escala se mostra muito eficaz e abrangente para o público que vamos estudar. A escala likert é fácil de ser explicada e aplicada. O que colabora para um outro aspecto da pesquisa, que é ser realizada no final da exposição. As chances de um morador concordar em participar de uma pesquisa após o término da visita aumentam se for um formulário curto, fácil de entender e rápido.

Outro fator importante é que como o formulário vai ser replicado por onde a itinerância passar e dados numéricos são mais rápidos de serem analisados, podemos fazer mudanças ao longo do percurso das exposições, além da facilidade de comparar dados.

10.5 Processo para uma pesquisa de avaliação acessível

O projeto busca abranger e ser acessível ao maior número possível de públicos que frequentarem a exposição, tendo como objetivo compreender como foi a experiência individual de cada visitante. Por esse motivo, a pesquisa de avaliação precisa contemplar a diversidade de públicos, tornando-se o mais acessível possível.

Acreditamos que a adaptação da escala Likert para uma escala visual possa ampliar a inclusão de pessoas com baixa escolaridade, visitantes estrangeiros, pessoas idosas, pessoas surdas, pessoas com deficiência visual e indivíduos com determinados tipos de deficiência intelectual, públicos que poderiam ser parcialmente negligenciados em formatos tradicionais de avaliação predominantemente textuais. Dessa forma, o uso de recursos visuais, como símbolos e expressões faciais, busca facilitar a compreensão das perguntas, promover maior autonomia durante a participação e contribuir para uma avaliação mais democrática, inclusiva e representativa da experiência do público.

Outros recursos vão ser incluídos como:

- Uso de linguagem simples, com frases mais diretas e palavras de mais fácil compreensão.
- Pesquisa rápida sem muitas perguntas.
- Perguntas abertas.
- Opção de responder oralmente.
- Alto contraste e leitura por mediadores para pessoas com deficiência visual – além da opção de fazer a pesquisa em casa, com a leitura de qr, para evitar constrangimentos de uma avaliação negativa na frente do mediador.
- Mediadores pcd's com conhecimento em libras.

10.6 Formulário (Opção de responder oralmente)

1. A exposição mostra elementos parecidos com o lugar onde eu vivo.
2. Foi fácil encontrar informações sobre a exposição.
3. O local onde a exposição acontece é de fácil acesso.
4. Eu gostei da exposição.

As afirmações do formulário viriam com uma escala de 1 a 5, sendo 1-discordo totalmente e 5- concordo totalmente.

Discordo totalmente = 1

Discordo = 2

Nem concordo nem discordo = 3

Concordo = 4

Concordo totalmente = 5

No fim do formulário estariam duas perguntas abertas, que o visitante teria a opção de responder ou não. (Espaço aberto para escrita ou gravação de áudio)

- Do que mais gostou na exposição?
- O que melhoraria ou acrescentaria?

Para a avaliação de público, vai ser uma adaptação da Escala Visual Analógica (Visual Analog Scale – VAS), substituindo a linha contínua tradicional por representações visuais e numéricas, variando de muito insatisfeito a muito satisfeito. A adaptação busca facilitar a compreensão e ampliar a acessibilidade da pesquisa para diferentes perfis de público.

Vantagens dessa adaptação

- linguagem universal;
- aplicação rápida;
- maior acessibilidade;
- aproximação com públicos diversos;
- boa resposta em ações

10.7 Parte Acessível da Pesquisa

Escolher o desenho (figura) que melhor mostra o que achou da exposição. Exemplo de interpretação da escala:

-   = Discordo totalmente
-  = Discordo
-  = Nem concordo nem discordo
-  = Concordo
-   = Concordo totalmente

10.8 Análise dos resultados

10.8.1 Organização das respostas

Com uma escala de 5 pontos, serão atribuídos valores numéricos em cada ponto da escala.

Discordo totalmente: 1

Discordo: 2

Nem concordo nem discordo: 3

Concordo: 4

Concordo totalmente: 5

Calcular as frequências

Contar quantas pessoas escolheram cada opção e calcular os percentuais.

10.8.2 Calcular a média

- Somar os valores das respostas e dividir pelo número de participantes.
- Analisar por categorias
- Agrupar as perguntas em temas, como:
 - Compreensão
 - Identificação
 - Acessibilidade
 - Infraestrutura

- Participação

Calcular a média de cada categoria.

10.8.3 Apresentar tudo em uma tabela com os dados coletados

11 REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 7. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CHAGAS, Mário. *Museologia do sensível*. In: CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Inês (org.). *Museologia e Patrimônio*. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2003.

CURY, Marília Xavier. Política de gestão de coleções: museu universitário, curadoria indígena e processo colaborativo. *Rev. CPC*, São Paulo, v. 15, ed. 30 especial, p. 165-191, ago./dez. 2020.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 nov. 2025.

OBSERVATÓRIO DE POLÍTICAS CULTURAIS DA USP. *Mapa da Cultura Paulistana*. São Paulo, 2023.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. Cartas para Clarice: oficina de escrita com estudantes do ensino fundamental. *Revista do NUFEN: Phenomenology and Interdisciplinarity*, v. 15, n. 1, p. 1-12, 2023.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. *No Dia dos Namorados, Museu da Língua Portuguesa e Motiva promovem oficina de escrita de cartas com frases de Clarice Lispector*. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/oficina-de-escrita-de-cartas-comfrases-de-clarice-lispector-no-dia-do>. Acesso em: 21 nov. 2025.

CAIXA. *CAIXA Cultural São Paulo apresenta Cidadela, de Maria Ezou*. CAIXA Notícias. Disponível em: <https://caixanoticias.caixa.gov.br/Paginas/Not%C3%ADcias/2025/03MARCO/CAIXA-Cultural-Sao-Paulo-apresenta-Cidadela-de-Maria-Ezou.aspx>.

Acesso em: 21 nov. 2025.

DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. Conceitos-chave de museologia. São Paulo: ICOM Brasil / Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, 2013.

Disponível em: https://www.icom.org.br/wp-content/uploads/2014/03/PDF_Conceitos-Chave-de-Museologia.pdf

SIMON, Nina. The participatory museum. Santa Cruz: Museum 2.0, 2010.

ALMEIDA, Renato Souza de. Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n. 56, p. 151-172, 2013. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i56p151-172. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rieb/a/6JdrNwGyHH3ShVGDJxxPVft/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2026.

CALABRE, Lia; VAL, Ana Paula do. Desafios contemporâneos para as políticas públicas de cultura na cidade de São Paulo. Estudos Avançados, São Paulo, v. 38, n. 112, p. [páginas], set.–dez. 2024. DOI: 10.1590/s0103-4014.202438112.019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ea/a/FMcNtmPBV7ZCB3gDZdFMwPF/?lang=pt>. Acesso em: 5 abr. 2026.

O PODER POPULAR. O descaso do governo de SP com a cultura da periferia. Disponível em: <https://opoderpopular.com.br/o-descaso-do-governo-de-sp-comacultura-da-periferia/>. Acesso em: 5 abr. 2026. SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Cultura. Institucional. Disponível em: https://www.cultura.sp.gov.br/sec_cultura/Institucional/Estrutura. Acesso em: 5 abr. 2026.

SÃO PAULO (Município). Secretaria Municipal de Educação. 50 museus ou espaços culturais em São Paulo para visitar de graça ou pagando pouco. Disponível em: <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br/noticias/50-museusou-espacos-culturaisem-sao-paulo-para-visitar-de-graca-ou-pagando-pouco/>. Acesso em: 6 abr. 2026.

SÃO PAULO (Município). Câmara Municipal de São Paulo. Moradores da periferia de SP apontam dificuldade de acesso aos equipamentos públicos de cultura. 2022. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/moradoresda-periferia-de-spa-pontam-dificuldade-de-acesso-aos-equipamentos-publicos-de-cultura/>. Acesso em: 6 abr. 2026.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A musealização em São Paulo: os caminhos interpretativos da cidade. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor (org.). *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura; Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes, 2004. p. 24-32.

FRATESCHI, Julio. Museu da Cidade de São Paulo: memória e cotidiano urbano. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor (org.). *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura; Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes, 2004. p. 1-4.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

RIBEIRO, Berta G. A civilização indígena brasileira e os museus. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 22, p. 13-25, 1979.

TRAD, Leny Alves Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 777-796, 2009. Disponível em: SciELO. Acesso em: 14 maio 2026.

MUSEU DA CIDADE DE SÃO PAULO. São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole. São Paulo: Museu da Cidade de São Paulo, [2004]. p. 176.

SANTOS, Adriana Mortara Almeida dos. Museus, acessibilidade e inclusão: desafios contemporâneos. In: INTERCOM SUL, 16., 2015, Joinville. Anais [...] Joinville: Intercom, 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sul2015/resumos/R45-0648-1.pdf>

ANEXOS

ANEXO A - Questionário do 4.5.2 Perguntas abertas:

1º Rodada- apresentações

1. Conte um pouco sobre você e sua relação com o bairro/comunidade.
2. Há quanto tempo você vive ou frequenta este território?
3. O que faz você se sentir parte desta comunidade?

2º Rodada- memórias

2. Quais são as primeiras memórias que vêm à sua mente quando pensa no território?
3. Existe algum lugar da comunidade que considera importante ou simbólico?
Por quê?
4. Houve mudanças no território ao longo do tempo que marcaram você?
Quais?

ANEXO B - Questionário do 4.5.4

Perguntas abertas: Acervo comunitário e participação

1. Você possui fotografias, documentos ou lembranças que contam parte da história da comunidade?
 2. Como você imagina uma exposição construída pelos próprios moradores?
 3. O que não poderia faltar nessa exposição?
 4. Como você gostaria de participar da construção da exposição?
 5. Quais das histórias e memórias enviadas vocês acham que devem entrar na exposição?
- O grupo seleciona as histórias e memórias que vão ser usadas na exposição.

ANEXO C - Formulário

1.Você gostaria de participar da construção da exposição?

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

De que forma? _____

2. Você acredita que utilizar materiais e trabalhadores do próprio bairro é importante?

☐ Sim

☐ Não

☐ Talvez

1. Que tipos de trabalho os moradores poderiam realizar na exposição?

☐ Montagem

☐ Pintura e decoração

☐ Recepção do público

☐ Mediação cultural

☐ Limpeza e organização

☐ Registro em foto/vídeo

☐ Outros: _____

4.Você conhece pessoas do bairro que poderiam colaborar com mão de obra e material? ☐ Sim

☐ Não

Se sim, em quais áreas? _____

ANEXO D - Orçamento

						Valores		
Descrição	Anotações	Perído	Unidade	Quantidade	Tipo	Unitário	Total	
Coordenador geral	Elaboração do relatório técnico e prestação de contas cultural	Pré, produção e pós	1	13	Mês	R\$ 5.000,00	R\$ 65.000,00	
Coordenador de comunicação	Planejamento e execução da divulgação digital e física, gestão de redes sociais e clipping	Pré, produção e pós	1	6	Mês	R\$ 4.000,00	R\$ 24.000,00	
Curador		Pré, produção e pós	1	10	Mês	R\$ 4.500,00	R\$ 45.000,00	
Arquiteto		Pré-produção	1		Verba	R\$ 2.500,00	R\$ 2.500,00	
Produtor	Apoio na organização de cronograma, reservas de espaços, transporte de materiais e organização de eventos	Pré, produção e pós	1	6	Mês	R\$ 3.500,00	R\$ 21.000,00	
Designer gráfico	Criação da identidade visual, banners, marca-páginas, posts e materiais digitais	Produção	1		Verba	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	
Educador(a)		Pré, produção e pós	2	9	Mês	R\$ 3.000,00	R\$ 54.000,00	
Orientador de público		Pós produção	2	2	Mês	R\$ 2.000,00	R\$ 8.000,00	
Oficineiro	Pré-oficina de Fotografia com Celular	Pós produção	4		Verba	R\$ 350,00	R\$ 1.400,00	
Auxiliar de serviços gerais de manutenção		Pré, produção e pós	1	3	Mês	R\$ 2.800,00	R\$ 8.400,00	
Marceneiro		Produção	1		Verba	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00	
Acessor de acessibilidade	Garantir acessibilidade física e digital, acompanhamento de participantes com PCD, recursos em Libras, audiodescrição e leitura tátil	Pré, produção e pós	1		Verba	R\$ 2.000,00	R\$ 2.000,00	
Equipe de transporte		Produção e Pós produção	2		Verba	R\$ 500,00	R\$ 1.000,00	
Documentarista	Captação e edição de vídeo final	Pré e Pós produção	1		Verba	R\$ 1.000,00	R\$ 1.000,00	
Fotógrafo	Registro fotográfico profissional da exposição	Pós produção	2		Verba	R\$ 1.000,00	R\$ 2.000,00	
							TOTAL	R\$ 238.300,00
Expositiva	Material	Quantidade	Valor	Total				
	Chapas de MDF (15 mm x 1850 x 2750)	6	R\$ 209,90	R\$ 1.259,40				
	Placas de acrílico (100 x 150 cm)	12	R\$ 292,44	R\$ 3.509,28				
	Ripa de madeira (2,0 x 2,5 m x 4,5 cm)	60	R\$ 10,30	R\$ 618,00				
	Tecido (3m)	1	R\$ 11,80	R\$ 11,80				
	Plantas de plástico	12	R\$ 20,99	R\$ 251,88				
	Impressão de legenda (plástico)	-	R\$ 500,00	R\$ 500,00				
	Legenda em braile (plástico)	-	R\$ 350,00	R\$ 350,00				
	Impressão do acervo (papel fotográfico) (gráfica)	-	R\$ 750,00	R\$ 750,00				
	Tinta	2	R\$ 119,00	R\$ 238,00				
Educativo	Illuminação de led (bateria/pilha)	6	R\$ 23,90	R\$ 143,40				
	Lupa	2	R\$ 10,93	R\$ 21,86				
	Tablet	2	R\$ 499,00	R\$ 998,00				
	Postel (gráfica)	50	R\$ 2,00	R\$ 100,00				
	Caixa de Camêra	1	R\$ 33,00	R\$ 33,00				
	Caixa de lapta	1	R\$ 50,49	R\$ 50,49				
	Caixa Borracha	1	R\$ 32,50	R\$ 32,50				
	Caixa de Tinta	1	R\$ 21,90	R\$ 21,90				
	Tecoura	8	R\$ 5,83	R\$ 46,64				
	Barbante	3	R\$ 9,90	R\$ 29,70				
	Pacote de prendedor de roupa	2	R\$ 8,00	R\$ 16,00				
	Revistas, jornais, livros e cadernos para colagem (pacote)	15	R\$ 17,99	R\$ 269,85				
	Cola branca (litro)	2	R\$ 38,99	R\$ 77,98				
Comunicação	Impressão material educativo (gráfica)	23	R\$ 28,00	R\$ 644,00				
	Banner (gráfica)	2	R\$ 100,00	R\$ 200,00				
	Suporte de banner	200	R\$ 102,99	R\$ 20.598,00				
	Marca-página (gráfica)	200	R\$ 1,20	R\$ 240,00				
				TOTAL	R\$ 31.013,48			
TOTAL (equipe+material)	R\$ 269.313,48							

ANEXO E - Cronograma

[illegible]

ANEXO F - Pesquisa de avaliação de público

Afirmção	Discordo totalmente	Discordo	Nem concordo nem discordo	Concordo	Concordo totalmente
1. A exposição é fácil de compreender..	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4	☐ 5
2. A exposição mostra elementos parecidos com o lugar onde eu vivo.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4	☐ 5
3. Foi fácil encontrar informações sobre a exposição.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4	☐ 5
4. O local onde a exposição acontece é de fácil acesso.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4	☐ 5
5. Eu gostei da exposição.	☐ 1	☐ 2	☐ 3	☐ 4	☐ 5

Pontuação:

Discordo totalmente = 1

•Discordo = 2

•Nem concordo nem discordo = 3

•Concordo = 4

•Concordo totalmente =5